



Universidade de Brasília  
Instituto de Psicologia  
Departamento de Psicologia Clínica  
Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura

## ADOLESCÊNCIA E USO DE SUBSTÂNCIA: APROXIMAÇÕES POSSÍVEIS

Camila Cristina Mota

Brasília  
2022

Universidade de Brasília  
Instituto de Psicologia  
Departamento de Psicologia Clínica  
Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura

Camila Cristina Mota

ADOLESCÊNCIA E USO DE SUBSTÂNCIA: APROXIMAÇÕES POSSÍVEIS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura, do Departamento de Psicologia Clínica da Universidade de Brasília, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dra. Daniela Scheinkman Chatelard.

Brasília  
2022

Camila Cristina Mota

ADOLESCÊNCIA E USO DE SUBSTÂNCIA: APROXIMAÇÕES POSSÍVEIS.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura, do Departamento de Psicologia Clínica da Universidade de Brasília, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Psicologia. Aprovada em: \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_, pela Banca Examinadora constituída pelos seguintes professoras: Prof.<sup>a</sup> Dra. Carla Almeida Capanema, Prof.<sup>a</sup> Dra. Cintia da Silva Lobato Borges e Prof.<sup>a</sup> Dra. Márcia Cristina Maesso.

---

Prof.<sup>a</sup> Dra. Daniela Scheinkman Chatelard – Presidente  
Departamento de Psicologia Clínica – Universidade de Brasília

---

Prof.<sup>a</sup> Dra. Cintia da Silva Lobato Borges  
Universidade de Brasília  
Membro interno

---

Prof.<sup>a</sup> Dra. Carla Almeida Capanema  
PUC/Minas - IEC  
Membro externo

---

Prof.<sup>a</sup> Dra. Márcia Cristina Maesso  
Universidade de Brasília  
Suplente

*Ao Hugo e à Helena, meus companheiros  
na invenção que é a vida e o amor!  
Aos meus pais e meu irmão,  
por trilharem comigo meus sonhos!*

## AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha orientadora Daniela Scheinkman Chatelard, por ter me recebido na Universidade de Brasília, pela parceria e carinho nesses anos desafiadores de pesquisa.

Às professoras que gentilmente aceitaram compor minha banca examinadora, oferecendo seu tempo e leitura. São profissionais que admiro e com quem aprendo muito. À Carla Capanema, que através de suas pesquisas e publicações se fez presente e me ensina na clínica e na pesquisa, desde 2018. À Cintia Lobato e Marcia Maesso pelo acolhimento e apoio no grupo de pesquisa.

À Aline Accioly Sieiro, psicanalista que me inspira com seu empenho e trabalho dedicados à psicanálise, por todo companheirismo e parceria de anos. Obrigada por apostar em mim quando eu mesma já não acreditava ser possível, oferecendo seu tempo, escuta, leitura e diálogo.

À minha analista, por sua escuta generosa e gentil, que também está presente nessa escrita.

Ao Thiago Apolinario, por seu trabalho, empenho e escuta.

Aos meus analisantes, que me ensinam e apostam no meu trabalho.

Ao meu companheiro, parceiro, marido e amor, Hugo, por torcer, ser apoio, afago e incentivador incansável. Obrigada pela paciência e segurança oferecida para que eu pudesse me dedicar horas a fio ao estudo e trabalho. Obrigada por segurar minha mão e caminhar junto comigo.

À minha pequena Helena, gerada e nascida durante esses anos de pesquisa. Quem me ensina o tempo todo de maneira genuína sobre o amor, o tempo e a singularidade.

À minha mãe, Adriana, que apesar de não estar presente fisicamente, deixou marcas que reverberam em mim. Ao meu pai, Altair, por sempre incentivar meus sonhos. Ao meu irmão, Neto, por caminhar comigo nessa vida e construir uma parceria inabalável.

Aos meus amigos, por serem porto seguro, escutarem minhas dificuldades e lamentações, partilharem muitos momentos de alegrias e risos. Em especial, à Mariana Ferreira, amiga de uma vida que sempre se faz presente me incentivando nos momentos de tormenta. E Maaruaide, por ser escuta, acalento, carinho, companheira de estudos e da vida.

Aos meus colegas do grupo de pesquisa, por compartilharem e serem apoio nessa caminhada, em especial: Letícia Ferreira, Victória Gomez, Flávia Tereza, Marcella Laboissière e Carolina Félix. À Natalie Bezerra, pela leitura atenta a este trabalho.

Há tempos – Legião Urbana

Parece cocaína, mas é só tristeza, talvez tua cidade  
Muitos temores nascem do cansaço e da solidão  
E o descompasso e o desperdício herdeiros são  
Agora da virtude que perdemos.

Há tempos tive um sonho  
Não me lembro não me lembro  
Tua tristeza é tão exata  
E hoje em dia é tão bonito  
Já estamos acostumados  
A não termos mais nem isso.  
Os sonhos vêm  
E os sonhos vão  
O resto é imperfeito.

Disseste que se tua voz tivesse força igual  
À imensa dor que sentes  
Teu grito acordaria  
Não só a tua casa  
Mas a vizinhança inteira.

E há tempos nem os santos têm ao certo  
A medida da maldade  
Há tempos são os jovens que adoecem  
Há tempos o encanto está ausente  
E há ferrugem nos sorrisos  
E só o acaso estende os braços  
A quem procura abrigo e proteção.

Meu amor, disciplina é liberdade  
Compaixão é fortaleza  
Ter bondade é ter coragem  
E ela disse:  
– Lá em casa tem um poço, mas a água é muito limpa.

## **Resumo**

Este trabalho foi desenvolvido inspirado em experiências da escuta clínica de adolescentes que se viam impelidos a buscar soluções frente a angústia vivida nesse tempo, onde tudo o que era consistente durante a infância sofre modificações, como mudanças corporais, separação da figura parental, encontro com o real da sexualidade. Mediante a perda das referências simbólicas da infância, alguns jovens encontram através do uso de substância uma saída, ainda que temporária, para lidarem com o mal-estar envolvido nessa fase da vida. Para discorrermos sobre este assunto, percorremos um breve caminho teórico da constituição do sujeito até a entrada na adolescência. Em seguida, ao abordar o uso de substância, apresentamos os conceitos de significante fálico, gozo fálico e supereu. Por fim, com a ideia de ilustrar a teoria, sem a pretensão de generalizar e comprovar a mesma, apresentamos vinhetas clínicas e cinematográfica, procurando visualizar o impasse adolescente e como o uso de substância pode cumprir a função de amenizar a angústia adolescente.

Palavras-chaves: adolescência; impasses; angústia; uso de substância; psicanálise.



## **Abstract**

This work was developed inspired by experiences of clinical listening to adolescents who were impelled to seek solutions in the face of anguish experienced in this time, where everything that was consistent during childhood undergoes changes, such as bodily changes, separation from the parental figure, meeting with the real of sexuality. Through the loss of childhood symbolic references, some young people find through substance use a way out, albeit temporary, to deal with the discomfort involved in this phase of life. In order to discuss this subject, we covered a brief theoretical path from the constitution of the subject to the beginning of adolescence. Then, when approaching substance use, we present the concepts of phallic signifier, phallic jouissance and superego. Finally, with the idea of illustrating the theory, without the intention of generalizing and proving it, we present clinical and cinematographic vignettes, trying to visualize the adolescent impasse and how substance use can fulfill the function of alleviating adolescent anguish.

**Keywords:** adolescence; deadlocks; anguish; substance use; psychoanalysis.

## LISTA DE FIGURAS

- Figura 1** - Posição Zero: precede o início do trançamento e dá condição de possibilidade. ....26
- Figura 2** - Posição 1: A fissura real incide no simbólico – recalque como distinção do corte que opera a privação, pela posição ser e não ser.....27
- Figura 3** - Posição 2: O imaginário encobre a hiância real no simbólico por meio da frustração. A criança constata hiância também no Outro, franqueando o resto (objeto a) que lhes é comum e com o qual estabelecerão trocas. ....27
- Figura 4** - Posição 3: Demarcação simbólica do imaginário – estádio do espelho em que o eu se distingue-se como falo, recobrando sua posição como objeto a materno. ....28
- Figura 5** - Posição 4: Fissura real da equivalência simbólica ao falo. A função Nome-do-pai emerge como real – é impossível ser o falo. ....29
- Figura 6** - Posição 5: Recobrimento imaginário da interdição real – a função Nome-do-pai é situada imaginariamente pela criança, supondo um agente da interdição.....29
- Figura 7** - Posição 6: O simbólico se decanta do imaginário na metáfora paterna, em que uma unidade de medida pode regular relações entre desejo e lei, conferindo-lhes uma lógica, referida ao Nome-do-pai. ....30
- Figura 8** - Os seis cruzamentos do nó borromeano. ....31
- Figura 9** - Alienação – Reunião.....33
- Figura 10** - Separação – Intersecção.....34
- Figura 11** - Nomações simbólica, imaginária e real. ....44
- Figura 12** - Nó borromeano demonstrando os modos de gozo.....73

## SUMÁRIO

<b>Introdução .....</b>	<b>12</b>
<b>Capítulo 1 – Adolescência .....</b>	<b>15</b>
1.1 As Adolescentes de Freud.....	17
1.2 Constituição do Sujeito.....	23
1.3 A Trança Adolescente.....	36
1.4 Impasses Adolescentes e Modos de Negação.....	46
<b>Capítulo 2 – Uso de Substância: dos Discursos Científicos ao Discurso através da Clínica Psicanalítica.....</b>	<b>55</b>
2.1 De Onde Partimos em Psicanálise? O Significante Fálico de Freud a Lacan.....	59
2.2 Uso de Substância: Uma Recusa ao Significante Fálico?.....	67
2.3 Do Gozo Fálico ao Supereu .....	75
<b>Capítulo 3 – Adolescência e Uso de Substância .....</b>	<b>80</b>
3.1 Um Recorte do Impasse Adolescente na Clínica.....	83
3.2 Um Recorte do Impasse Adolescente no Cinema.....	87
<b>Conclusão .....</b>	<b>92</b>
<b>Referências .....</b>	<b>95</b>

## Introdução

A psicanálise surgiu a partir da curiosidade de Freud diante dos fenômenos apresentados pelas pacientes histéricas, uma vez que esses não eram passíveis de uma explicação fisiológica. Apesar de o autor ter sido o fundador da teoria que conceitua o aparelho psíquico com o qual trabalhamos hoje, nessa época ele privilegiava o corpo orgânico da medicina/farmacologia, o corpo imaginário. Com os avanços na teoria propostos por Lacan, passaremos a trabalhar esse corpo tomando como referencial os registros simbólico, imaginário e real.

Concomitantemente ao início da Psicanálise, o mundo passava por uma transformação no que se refere ao desenvolvimento industrial, e os jovens começaram a ser recrutados como mão de obra. Esse momento foi crucial para a mudança do olhar para as idades e para redefini-las de acordo com o desenvolvimento do sujeito.

Embora alguns pacientes de Freud fossem adolescentes, o conceito de adolescência não é psicanalítico e por muito tempo permaneceu como um assunto que surgia marginalmente a outras questões, não sendo um conceito privilegiado. Nos últimos anos, autores contemporâneos começaram a se engajar na clínica adolescente, entendendo a adolescência como um momento chave para a constituição psíquica. De acordo com Capanema (2009), o estudo da adolescência é de grande relevância à práxis analítica. Ela considera que “na adolescência, a aquisição de compleição corporal e o encontro com o outro sexo possibilitam abordar diretamente e tornar realizável o que, até então, restringia-se ao plano da fantasia e da expectativa” (p. 9).

A adolescência é um tempo de questões voltadas à separação da figura parental e de descoberta de que essa figura, que até então era tomada como central na vida, é também regida pela falta. Gurfinkel (1993) afirma que as questões colocadas pelos adolescentes são semelhantes, mesmo que em distintos níveis. Segundo o autor, “a linguagem pela *ação*, a

tendência a transgressão, o ‘pôr à prova’ os limites são características comuns na adolescência” (p. 144, grifo do autor).

No que diz respeito ao uso de substância na adolescência, observa-se no cotidiano que este é um período no qual se verifica o início desse uso. No entanto, trazendo dados encontrados por pesquisadores do Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas Psicotrópicas (CEBRID), em 2017 as pesquisas indicaram que a idade média do primeiro uso de substância é 16 anos, sendo que o consumo de drogas, por pelo menos uma vez na vida, gira em torno de 21% da população. Nesse mesmo estudo encontramos que o número de pessoas que mantiveram o uso frequente após a adolescência não é significativo, apenas 3%.

Esta dissertação nasce a partir da prática clínica realizada em atendimentos com adolescentes em que o uso de substância aparece à medida que eles buscam formas de lidar com o mal-estar advindo desse período. Mediante isto, o trabalho aqui exposto pretende investigar a função do uso de substância pelos adolescentes nos dias atuais, na tentativa de entender o fenômeno na experiência de subjetivação e como forma de esses sujeitos se autoafirmarem diante do discurso social do campo da linguagem. Outra questão que atravessa a clínica com adolescentes se refere ao fato de buscarmos compreender o possível efeito desse uso na experiência de subjetivação desses sujeitos.

Para isso, utilizamos o método psicanalítico de investigação da subjetividade e singularidade do sujeito. Traçamos um caminho teórico pelo estudo e ensino freudo-lacaniano, além de utilizarmos fragmentos clínicos e recortes do cinema para dialogar com a teoria. Advertidos de que a temática da adolescência e do uso de substância não foi objeto de um extenso estudo por Freud e Lacan, além de textos desses autores, as bases conceituais encontradas neste trabalho incluem obras de psicanalistas contemporâneos como Alberti, Rassial, Vorcaro, Capanema, Gutierrez, Bezerra, entre outros.

A partir do referencial teórico proposto, este estudo será apresentado em três etapas. A primeira busca contornar a especificidade do adolescer, segundo a psicanálise, na constituição do sujeito. Apresentaremos um breve recorte histórico da adolescência no campo social, para, em seguida, abordarmos o tema pelo viés freudo-laciano, dando enfoque às questões do período da adolescência e destacando o quanto elas são cruciais para a subjetivação.

No segundo capítulo, focalizaremos a questão da toxicomania, trazendo novamente um recorte histórico desse conceito, a fim de evidenciar a distinção entre o que o social e a psicanálise entendem por uso de substância. Trabalharemos os conceitos de significante fálico, gozo fálico e supereu, visando localizar a função do uso de substância no campo psicanalítico.

Na última etapa deste trabalho, abordaremos a adolescência e o uso de substância, para, logo depois, através de um fragmento de caso clínico e de um recorte de cenas cinematográficas, ilustrar como a droga opera soluções e/ou obstáculos no impasse adolescente. Entendendo que quem pode dizer sobre essa função da droga é somente o sujeito, em sua singularidade, não estaremos, portanto, investigando o ato em si da drogadição.

## Capítulo 1 – Adolescência

Estavam cheios daquela minha lamúria, julgavam irrelevante o que para mim era urgente, em poucas palavras, não me levavam a sério. Talvez, naquele momento, tenha se rompido algo em alguma parte do meu corpo, talvez eu devesse situar ali o fim da infância.

–Elena Ferrante, *A Vida Mentirosa dos Adultos*.

A adolescência é um tempo do sujeito no qual há conflitos, separações, questionamentos, não reconhecimento do corpo e um não saber sobre o próprio lugar nesse universo simbólico. O processo de constituição subjetiva, que se iniciou na infância, continua nesse tempo. O adolescente se depara com dilemas em relação ao Outro que devem conduzi-lo a um (re)posicionamento diante das demandas desse Outro, e isso aparece com uma carga de mal-estar, que é inerente à vida simbólica, como Freud assegura em “Mal-estar na civilização” em 1930.

A adolescência, enquanto um conceito histórico que demarca uma fase da vida humana, é recente, datando do final do século XIX e início do século XX.

O século XVIII foi o século da grande virada na história do mundo, quando infância, adolescência e idade adulta começaram a ser entendidas como fases diferentes da vida. Essa diferenciação, segundo Ariès (1981/2022), foi possível dentro do que conhecemos hoje como escola. A escola medieval recebia alunos a partir de 10 anos de idade, os quais já se misturavam aos adultos. Confusão de idades era um traço característico e persistente na antiga sociedade, algo que passava despercebido, sendo o comum da época.

Para Ariès (1981/2022),

a evolução da instituição escolar está ligada a uma evolução paralela do sentimento das idades e da infância. No início o senso comum aceitava sem dificuldade a mistura das idades. Chegou um momento em que surgiu uma repugnância nesse sentido. (p. 200)

Segundo Gutierrez (2003) uma mudança foi acontecendo a partir do século XV, a educação é continuada cada vez mais pelas escolas. Os clérigos tinham como missão isolar a juventude do mundo sujo dos adultos, com o objetivo de manter a inocência das crianças. A escola passa a ser um lugar de iniciação social e de passagem da infância para a vida adulta.

A mesma autora escreve em seu livro que até o século XVIII a adolescência era confundida com a infância. Os termos do latim *puer* e *adolescens* utilizados como se fossem a mesma coisa. Essa indiferença se dava por se tratar de uma época em que o fim da dependência era a marca da entrada na idade adulta e do estabelecimento de funções sociais. A puberdade e os fenômenos biológicos e psicológicos não eram levados em consideração. Essa idade era chamada de juventude.

É no decorrer do século XVIII, no seio da burguesia da época, que há uma mudança de afetividade nas famílias, colocando a infância como motivo de atenção, demandando dos adultos um cuidado e um olhar para essa fase da vida. Essa ideia só se concretiza no século XIX, e somente nos anos de 1960 a adolescência se torna um tempo da vida do sujeito, especialmente após maio de 68 (Gutierrez, 2003).

Conforme Ariès (1981/2022), ao passo que a adolescência foi marcada, no século XIX, por uma diferença na forma como se olhava e investigava a puberdade e as transformações fisiológicas, a sociedade passou a dar mais atenção à proteção e educação. A frequência obrigatória na escola se torna uma forma de manter os jovens sob a tutela econômica dos pais e sob a coerção dos mestres.

Com a mudança da família conservadora para a família moderna, há uma transformação na estrutura e nos valores; o que antes não tinha tanta importância, agora é motivo de



preocupação, como a intimidade, a casa e a identificação pessoal. Ao mesmo tempo, na ciência, surgem áreas voltadas para estudos e práticas dedicados à infância, como a pediatria, a psicologia e a psicanálise. Conforme Gutierrez (2003) a educação se torna o principal veículo de passagem da infância para a idade adulta, da vida familiar para a vida pessoal.

O tempo da adolescência passa a ser, para a sociedade, um período longo, entre a infância e a idade adulta, de formação escolar e profissional. Sabe-se, então, que o adolescente não é mais criança, mas que ainda depende de um adulto. A adolescência é vista como um tempo de suspensão, de diferenciação da figura parental. Le Breton (2017) conclui em seus estudos que a adolescência é “antes de tudo um sentimento”. O autor se refere à adolescência dessa maneira por não haver uma idade que demarca o início e o fim dessa travessia, retomando sua origem do latim *adolescens*, que significa crescer. Entender a adolescência para além da puberdade abre espaço para buscar o que há nesse tempo de grande mudança psíquica e decisivo na vida do sujeito.

A psicanálise nasce, com Sigmund Freud, concomitantemente à cronologia dessa virada histórica do olhar sobre a adolescência. Entendemos que há algo em comum entre a história e a psicanálise ao situarem a adolescência num espaço-temporal **entre** o ser criança e o ser adulto. O que nos interessa em psicanálise é a passagem entre essas duas fases do sujeito. É esse tempo de travessia da infância para a idade adulta que denominamos de tempo da adolescência.

### **1.1 As Adolescentes de Freud**

Em seu ensino, Freud fala do período da adolescência desde seus primeiros casos, quando tratava das famosas histéricas. Especificamente em 1905, em seu texto “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade”, ele trabalha com o tempo da adolescência, mesmo que ainda muito marcado pela puberdade e questões orgânicas do corpo. De acordo com Le Breton (2017),

em 1922, com Ernest Jones e depois Anna Freud – entre outros –, surgem teóricos da psicanálise que demarcam a adolescência como um tempo de passagem do sujeito, sinalizando as questões psíquicas vividas nesse período.

Freud (1905/1989c) fala do adolescente pela via da puberdade, apontando um corpo – com Lacan entendemos ser um corpo imaginário – que sofre mudanças e que deixa a vida sexual infantil para assumir a configuração do que será definitivo, uma vez que até a infância há a predominância do instinto sexual autoerótico, e na adolescência passa-se a um instinto sexual que encontra um objeto. De acordo com o autor, “é na [esfera da] representação que se consuma inicialmente a escolha do objeto, e a vida sexual do jovem em processo de amadurecimento não dispõe de outro espaço que não o das fantasias, ou seja, o das representações não destinadas a concretizar-se” (p. 213).

Desde o início de sua clínica, Freud trabalha com histéricas – para nós, jovens adolescentes –, como “O caso Dora” em 1905, “Uma jovem homossexual” em 1920, e o caso “Katharina” de 189\*, todas com 18 anos de idade. Ali há o início da história da adolescência na psicanálise. Foi nesses três casos clínicos que as primeiras análises com jovens aconteceram.

Retomaremos brevemente os casos citados com o intuito de ressaltar como essas analisantes, ainda na travessia adolescente, chegaram até Freud e quais questões parecem nos remeter ao tempo da adolescência. Apesar de Freud ainda não estar trabalhando, naquele momento, com o conceito de adolescência, ele se refere a essas analisantes como jovens, termo comumente usado em sua época para se referir a esse tempo entre a infância e a idade adulta.

O Caso Katharina, um dos primeiros de Freud (1895/1989a), aparentemente ocorreu apenas em um encontro e refere-se a uma jovem que não sabia o que fazer com as experiências sexuais que presenciava e experienciava. Nesse encontro, a jovem descreve a Freud sintomas corporais recorrentes de zumbido, pressão nos olhos, tontura, aperto no peito, e afirma que sempre visualizava um rosto que a amedrontava. Freud descobre que ela, aos 16 anos, havia

visto o tio<sup>1</sup> numa relação sexual com uma sobrinha, fato que a deixou perturbada. Katharina relata ter contado para a tia o que viu, resultando num divórcio do casal e na fúria do tio. Ao relatar isso a Freud, ela compreende que o rosto que via durante seus sintomas era o do tio. O mesmo tio tentou abusar de Katharina quando era ainda mais jovem, na época ela não entendeu como abuso, mas após o incidente presenciado, entendeu que as intenções do tio não foram inocentes. Nessa associação, ela sente a tontura pela primeira vez.

Freud (1895/1989a) afirma que é um caso típico de histeria em que as impressões do período pré-sexual que não produziram nenhum efeito na criança atingem um poder traumático, numa data posterior, como lembranças, quando a moça ou a mulher casada adquire uma compreensão da vida sexual. Pode-se dizer que a divisão dos conjuntos psíquicos é um processo normal no desenvolvimento do adolescente, sendo fácil ver que sua recepção posterior pelo ego proporciona oportunidades frequentes para perturbações psíquicas. Além disso, gostaria, neste ponto, de externar a dúvida de se uma divisão da consciência devida à ignorância é realmente diferente de uma que se deva à rejeição consciente, e se mesmo os adolescentes não possuem conhecimento sexual com muito mais frequência do que se supõe ou do que eles mesmos acreditam. (p. 159)

“O caso Dora”, publicado em 1905, aconteceu no ano de 1900 durante 3 meses, no período de outubro a dezembro. Na época, Freud realizou cinco encontros semanais com Dora, e publicou a análise do caso denominando-o “Fragmento da análise de um caso de histeria”. A análise é interrompida por iniciativa de Dora.

Freud (1905/1989b) apresenta o caso através dos sintomas que Dora expressava, sintomas corporais, como enurese noturna, dispneia, enxaqueca, entre outros. Os sintomas corporais estão presentes em Dora desde sua infância, tendo uma correlação com os sintomas

---

<sup>1</sup> Freud posteriormente revela que o tio era o pai de Katharina.

do pai, que Freud atendeu um tempo antes devido a uma sífilis. O autor argumenta que os sintomas de Dora confirmam sua tese sobre a histeria, sendo o corpo um lugar de conflito e da ordem do sexual.

Segundo Freud (1905/1989b), a partir dos sintomas corporais de Dora, ela “desabrocha” e se torna uma jovem mulher, contudo esse movimento produz comportamentos de desânimo, insatisfação com seu eu e com a família, e desentendimentos com os pais. A jovem passa a ter dificuldades no convívio social e busca frequentar lugares aos quais se identifique, como conferências para mulheres. No meio desse turbilhão e de toda essa mudança em sua vida, Dora escreve uma carta de despedida aos pais, alegando não suportar mais a vida. Ao encontrar a carta, o pai da jovem de 18 anos a encaminha para a análise com Freud. “O caso Dora” traz questões voltadas à sexualidade, direcionadas a um casal de amigos da família, o Sr. e Sra. K, tanto no que se refere ao objeto de desejo quanto a uma relação íntima com a Sra. K, posto que Dora lhe confidenciava suas curiosidades acerca da sexualidade.

Marcia Rosa (2019) em seu estudo sobre o caso Dora, esclarece que em um outro momento de sua vida, aos 42 anos, já casada e com um filho, a mesma foi analisada pelo psicanalista Felix Deutsch, discípulo de Freud. Na ocasião, Dora apresentava sintomas da Síndrome de Ménière (zumbido, diminuição da audição do ouvido direito e insônia). Sua principal queixa, para além dos sintomas orgânicos, referia-se à sua relação com o marido e com o filho, especialmente com este, que se afastava dela e chegava cada dia mais tarde em casa, enquanto Dora o esperava acordada para ouvi-lo chegar, suspeitando que isso se dava por um interesse em mulheres. Deutsch indicou que seus sintomas orgânicos concerniam à sua relação com o filho e à escuta atenta de sua chegada.

Rosa (2019) demonstra algumas reviravoltas no caso Dora, atenta ao conceito de inversão dialética da análise, dado por Lacan em 1951. Em um primeiro momento dos encontros com Freud, Dora é questionada sobre qual a sua responsabilidade pela desordem da qual

partiam suas queixas. A segunda reviravolta se dá quando Freud destaca o interesse de Dora pela Sra. K, tamponado pelo ciúme direcionado a seu pai. E a terceira virada aconteceria se Freud tivesse mostrado a Dora o valor do objeto que era a Sra. K., revelando o mistério da feminilidade corporal. Não ter chegado a esse terceiro momento da análise possibilitou que Dora não se separasse do desejo oral primitivo, não reconhecendo sua natureza genital, mantendo o fantasma na ordem do imaginário.

De acordo com Rosa (2019), Lacan em 1951, constata que o que restou não analisado por Freud na histeria de Dora é a origem de sua posterior condição, que está, no fundo, na resistência em se aceitar como objeto do desejo do homem.

Outro caso de Freud que traz questões pertinentes a este trabalho é o famoso caso da “Jovem Homossexual”, de 1920, publicado como “A psicogênese de um caso de homossexualismo numa mulher”. Freud apresenta o caso de uma jovem de 18 anos, que foi levada à análise pelos pais, que estavam preocupados com seu interesse por uma mulher 10 anos mais velha, conhecida como *cocotte*, uma espécie de prostituta de luxo. A família, com sua boa reputação, incomoda-se com o comportamento da filha em relação a esta mulher e teme pela reputação da jovem.

O interesse por essa mulher tomava grande parte da vida da jovem, que passou a não se interessar pelos estudos e funções sociais, mantendo relações apenas com algumas amigas que a serviam enquanto confidentes. Segundo Freud (1920/1989j), as medidas disciplinares impostas pelos pais desencadearam uma tentativa de suicídio da jovem quando seu pai a vê num encontro com a mulher, e a dama toma a decisão de não mais se aproximar da jovem. Essa tentativa teve como consequência uma temporada de repouso em casa. Os pais passaram a não se oporem como antes, e a mulher comoveu-se com a paixão da jovem, de modo que começa a trata-la de maneira mais amistosa.

Freud (1920/1989j) comenta que a jovem não apresentava sintomas histéricos, suas questões se voltavam ao objeto amoroso feminino, assumindo um papel masculino para com esse objeto. Esse desdobramento coincide com o nascimento do irmão mais novo, quando ela tinha 16 anos, e a análise da jovem revela que a amada mulher seria uma substituta de sua mãe. A mulher inicialmente descrita não foi o primeiro objeto de amor da jovem. De acordo com Freud, seus primeiros objetos de amor foram mulheres/mães, por volta de 35 anos de idade.

A interpretação clínica de Freud (1920/1989j) sobre o caso é a seguinte:

No exato período em que a jovem experimentava a revivescência de seu Complexo de Édipo infantil, na puberdade, sofreu seu grande desapontamento. Tornou-se profundamente cônica do desejo de possuir um filho, um filho homem: seu desejo de ter o filho de seu *pai* e uma imagem *dele*, na consciência não podia conhecer. Que sucedeu depois? Não foi *ela* quem teve o filho, mas sua rival inconscientemente odiada, a mãe. Furiosamente ressentida e amargurada, afastou-se completamente do pai e dos homens. Passado esse primeiro grande revés, abjurou [renunciou solenemente] de sua feminilidade e procurou outro objetivo para sua libido. (p. 169, grifo do autor)

Rosa (2019) acredita que Freud lê a passagem ao ato da jovem, a tentativa de suicídio, como um “dar à luz” e também um “cair com objeto”, relacionado ao nascimento do irmão. A passagem ao ato traz à tona o real, algo que não foi simbolizado. Rosa faz, em seu texto, uma alusão ao significante fálico<sup>2</sup>, apontando-o como inoperante no caso da jovem, não abrindo nenhum outro caminho, levando-a a passagem ao ato.

Freud (1914/1989f) afirma que o ponto de partida – a infância – e a meta final – a vida adulta – estão claros e definidos para os seres humanos, mas a passagem de um para outro contém muitos aspectos obscuros e enigmáticos para serem percorridos. Nos casos citados anteriormente, é possível identificar essas perspectivas que Freud destaca sobre o tempo da

---

<sup>2</sup> O significante fálico será trabalhado no próximo capítulo deste trabalho.

adolescência. As jovens vivem um conflito muito claro com seus corpos púberes em transformação física, experimentam um corpo pulsional/sexual e criam suas fantasias e jeitos de estar no mundo.

Assim, para embarcar no trabalho com adolescentes pela via da psicanálise, faz-se necessário discorrer sobre o caminho da constituição do ser falante até a chegada do tempo da adolescência, incluindo suas questões subjetivas nessa travessia.

## **1.2 Constituição do Sujeito**

Para caminhar pela constituição do sujeito até a entrada no tempo da adolescência, será apresentado um breve esboço da teoria do nó borromeano, inicialmente de modo geral na criança, para que a posteriori possamos discutir como essa trançagem se reatualiza na adolescência. A ideia é buscar uma leitura possível do impasse do sujeito no tempo adolescente e sua tentativa de lidar com o real que se apresenta nessa temporalidade.

Essa teoria nos possibilita trabalhar ponto a ponto os conflitos, os impasses e as questões específicas do tempo do adolecer. Como Freud conclui no caso Katharina, questões vividas na infância estão diretamente ligadas às fantasias no tempo da adolescência. Retomaremos também as operações de causação do sujeito, alienação e separação; elas permitem pensar na constituição subjetiva em sua relação com a alteridade.

Não há sujeito sem o outro, sem a alteridade. Para isso, Lacan desenvolve dois conceitos – o pequeno outro e o grande Outro – apresentados por Quinet (2012) em “Os Outros em Lacan”. De acordo com Quinet (2012), o pequeno outro é o semelhante, o igual e rival, sendo, portanto, do registro do imaginário. O registro do imaginário é o do sentido e da consciência, é onde o indivíduo, pela identificação com um outro, julga-se como um eu.

Conforme Quinet (2012) alerta, para além do imaginário, temos o grande Outro simbólico. O eu está para o outro do imaginário assim como o sujeito está para o Outro do simbólico. No conceito de Outro, o discurso é do inconsciente e este é constituído pela linguagem. O grande Outro se manifesta nos sonhos, lapsos, sintomas e chistes.

Lacan (1964) afirma:

O Outro é o lugar em que se situa a cadeia do significante que comanda tudo que vai poder presentificar-se do sujeito, é o campo desse vivo onde o sujeito tem que aparecer. E eu disse – é do lado desse vivo, chamado subjetividade, que se manifesta essencialmente a pulsão. (p. 200)

Para trazer à tona a constituição do sujeito, trabalharemos o nó borromeano. Ele mostra um delineamento tridimensional de como o sujeito opera na linguagem, os pontos de coincidência e distinção diante da alteridade, resultando em círculos vazados que se engancham e não se separam, exibindo a realidade psíquica em sua combinatoria de relações (Lacan, 1964/1988).

Segundo Vorcaro (2009), identificar uma estrutura de funcionamento mental passa por um lugar de amarrações entre um organismo irreduzível, uma posição significativa e uma consistência ideal que se sobrepõem em um mesmo ponto e fazem laço. Esse caminho só é possível levando em consideração as continuidades e rupturas diante da alteridade radical, esses movimentos rompem com uma condição subjetiva anterior, produzindo uma nova configuração.

A topologia borromeana é construída por Lacan (1974-75) a partir de três dimensões – **real, simbólico e imaginário (RSI)** – que, ao mesmo tempo em que se distinguem, desempenham a função de uma sustentar as outras duas. Lacan explica que o real é aquilo que sustenta o inconsciente, sendo inapreensível e não deduzível, ele apenas *Há*, existe. O simbólico seria então a dimensão que confere ao real espaço no campo discursivo, situando-o em um



lugar, veiculando o deslizamento significativo desse que é inapreensível, *há um*. Já o imaginário é aquilo que representa e faz circular, nomeia a coisa, *há semelhança*. O imaginário consiste em apresentar uma rede de semelhanças e dessemelhanças. Nesse sentido, sendo **RSI** registros distintos, há uma impossibilidade de substituição de um registro por outro, não reduzindo o nó borromeano a uma metáfora.

Atentando para a topologia **RSI**, o olhar para o tempo do adolescer muda, deixando de ser um olhar para o corpo imaginário da puberdade, extrapolando o corpo simbólico na relação com o Outro, para possibilitar a investigação acerca de como esse sujeito se trama nesse corpo que é real, simbólico e imaginário.

Vorcaro (2009) esclarece que **RSI** se enlaçam formando o nó borromeano, um efeito de linguagem, simbólico. Esse enlaçamento só é possível pois as dimensões são incessantes e indestrutíveis, “qualquer coisa jamais cessa de existir, qualquer coisa jamais cessa de se escrever e qualquer coisa jamais cessa de se representar. Elas coincidem num mesmo ponto numa relação de determinação recíproca que as constrange e as sustenta” (p. 2). O nó borromeu possui também caráter imaginário e real. Ele é apresentável como imagem, mas seu caráter imaginário não o reduz a uma imagem, além disso, ele consiste no real da linguagem definível enquanto *ex-sistência*, em que o fora não é um não dentro.

Os três registros são descontínuos um em relação ao outro, delimitando então um interior vazado, uma alteridade radical, que impede que uma dimensão deslize sobre a outra. De acordo com Vorcaro (2009), nenhum deles se liga exclusivamente ao outro, há sempre a mediação de um terceiro, sendo assim, só há enodamento entre os três.

Lacan (1974-75) menciona que inventar não se reduz a imaginar, o autor revela que são seis os movimentos de enlaçamento que inauguram o sujeito, feitos de dois em dois registros. Sendo assim, apresentaremos as operações de trançamento dos três registros.

Conforme Vorcaro (2009) o início do trançamento parte de uma *posição zero*, denominada **precedência simbólica ao sujeito**. Essa posição se refere ao organismo do bebê já existente na realidade psíquica da mãe, uma mãe que localiza esse corpo num campo discursivo, supondo um organismo com atributos subjetivos. Presume um investimento imaginário da alteridade materna, levando a superposição real do organismo à posição simbólica, numa relação de alternância presença-ausência, respondendo à necessidade e à experiência de satisfação, opondo tensão a apaziguamento. Essa primeira relação entre o organismo do bebê e o agente materno é o que constitui a função simbólica, na condição de falante, do agente-suporte-da-linguagem. O agente materno é o suporte da linguagem, o terceiro elemento entre o *infans* e o objeto da necessidade, ele é o Outro simbólico. Nesse momento, **RSI** são linhas paralelas e maleáveis que sofrerão deformações contínuas a partir de então.

**Figura 1** - Posição Zero: precede o início do trançamento e dá condição de possibilidade.



Fonte: Vorcaro, 2016, p. 737

Passemos ao primeiro movimento da trança: o **real incide no simbólico**, o que acontece quando a alternância entre presença/ausência faz furo sobre o organismo em funcionamento simbólico. Aqui há a condição para o recalque originário, dado pela incidência da metáfora paterna. A criança se depara com algo que perdeu, há uma quebra da alternância entre presença/ausência e ela tenta recuperar isso a todo custo, entra o significante unário de apelo, o grito (Vorcaro, 2009).

**Figura 2** - Posição 1: A fissura real incide no simbólico – recalque como distinção do corte que opera a privação, pela posição ser e não ser.



Fonte: Vorcaro, 2016, p. 738.

No segundo tempo, o **imaginário recobre a hiância real no simbólico**. Com a privação sofrida no movimento anterior, a criança localiza no agente materno a possibilidade de satisfação e supõe na mãe o agente de seu gozo. Assim, a criança tenta encontrar o funcionamento desse real imaginizando a causa da impossibilidade de ser satisfeita a todo momento. De acordo com Vorcaro (2009, p. 8), “a falta real no simbólico é recoberta com a imaginarização do agente materno”.

Lacan (1936/1998a) sustenta que o Outro, que até então era real, pode agora ser tomado imaginariamente, tornando-se aquele que priva a criança daquilo que a satisfaria, constituindo, nessa privação, a condição para a origem do desejo da criança.

**Figura 3** - Posição 2: O imaginário encobre a hiância real no simbólico por meio da frustração. A criança constata hiância também no Outro, franqueando o resto (objeto a) que lhes é comum e com o qual estabelecerão trocas.



Fonte: Vorcaro, 2016, p. 738.

A **demarcação simbólica do imaginário** é o terceiro movimento da trança e acontece quando a criança localiza a equivalência dela ao falo materno, à medida que tenta determinar o desejo da mãe e preencher simbolicamente a falta pressentida nela. A criança percebe que precisa da mãe, mas que a mãe também precisa dela; a criança acredita ser aquilo que falta à mãe, assim como a mãe é o que falta a ela. Ela e a mãe se pertencem, essa é a única vez em que há uma parceria efetiva entre dois. Vorcaro (2009) argumenta que o *infans* não espera que isso não se sustém, pois oferecer-se como falo equivale a colocar-se no lugar de objeto e anular-se como desejante, assim, a criança percebe que se ela fizer tudo que a mãe quer, ela se perde.

**Figura 4 -** Posição 3: Demarcação simbólica do imaginário – estágio do espelho em que o eu se distingue-se como falo, recobrando sua posição como objeto a materno.



Fonte: Vorcaro, 2016, p. 738.

Segundo Vorcaro (2009) o quarto tempo do trançamento é a **fissura real da equivalência simbólica criança-falo**. Nesse momento, a criança entra numa espécie de conflito, ela percebe que, por mais que tente, não consegue equivaler-se ao lugar de falo. A criança encontra uma impossibilidade nisso, se ela buscar ser o falo, será anulada e engolida. É impossível ser objeto da mãe e a mãe ser objeto da criança, há um constrangimento entre mãe e criança – o Outro do outro. E novamente o real recobre o simbólico, repetindo o primeiro movimento, não sem os anteriores.

A mesma autora ainda complementa que a criança, nesse momento, percebe que a mãe não tem o falo e que é marcada por uma falta, indicando que algo não está ali como ela imaginava. O falo aparece agora enquanto falta.

**Figura 5** - Posição 4: Fissura real da equivalência simbólica ao falo. A função Nome-do-pai emerge como real – é impossível ser o falo.



Fonte: Vorcaro, 2016, p. 739.

Passamos ao quinto movimento da trança, o **recobrimento imaginário da interdição real**. A criança começa a imaginar os motivos de não ser equivalente ao falo, ela vai buscar várias maneiras de viver nessa nova situação. Vorcaro (2009) frisa que é a partir da interdição do agente materno que o pai imaginário chega à criança. A relação deixa de ser binária e passa a incluir um terceiro. Quem porta a interdição é o pai: o desejo da mãe é de um Outro. O pai é um mediador entre a mãe e a criança. O pai real é encarnado imaginariamente, fazendo obstáculo irreduzível. A mãe e a criança estão submetidas à lei, que lhes é exterior.

**Figura 6** - Posição 5: Recobrimento imaginário da interdição real – a função Nome-do-pai é situada imaginariamente pela criança, supondo um agente da interdição.



Fonte: Vorcaro, 2016, p. 739.

Vorcaro (2009) argumenta que,

A exaustão combinatória da articulação das formas da impossibilidade de ser o falo materno esgota a permutação da relação imaginária da criança com o real. Produz-se a metáfora paterna, o sexto movimento da trança, em que o **simbólico recobre o imaginário**. (p. 18)

Segundo a mesma autora, nesse momento cai a ficha da criança de que o pai não é como a mãe e que ele tem a gerência da lei, isto é, faz com que se cumpra a lei. A criança descobre que há uma lei que atinge a todos. O pai imaginário passa a ser simbolizado enquanto aquele que opera com a lei.

Para Vorcaro (2009) o falo é tomado aqui como simbólico, e a alienação pela qual a criança estava escolhida é aniquilada, a criança segue outro caminho na inscrição metafórica. “Fica-se, portanto, um dado irreduzível: o significante fálico torna-se central na realidade psíquica” (p. 19). Desse modo, a autora destaca que é pelo Nome-do-pai que há a substituição do desejo da mãe, permitindo a criança advir em seu desejo de sujeito. Nesse ponto, a criança consegue situar-se numa posição no campo simbólico, da linguagem.

**Figura 7** - Posição 6: O simbólico se decanta do imaginário na metáfora paterna, em que uma unidade de medida pode regular relações entre desejo e lei, conferindo-lhes uma lógica, referida ao Nome-do-pai.



Fonte: Vorcaro, 2016, p. 739

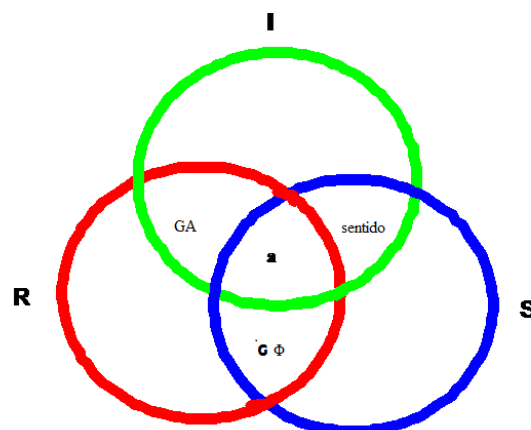
Temos, portanto, os seis cruzamentos da trança e a ordenação estrutural de um sujeito dada pelos registros real, simbólico e imaginário. As linhas retroagem, conferindo uma condição circular aos registros no nó borromeano.

Para Vorcaro (2009),

as três dimensões se repetem, incessantes e indestrutíveis, fazem coincidir lei e desejo numa determinação recíproca que constrange e sustenta, no sintoma e no fantasma, as condições de gozo de um sujeito, ou seja, sua realidade psíquica, orientada pela versão paterna. Por isso, o nó borromeu não é a norma para a relação de três funções. R, S, I só incidem num exercício determinado pela versão da nomenclatura paterna, ou seja, o nó borromeano é sempre pai-vertido. O constrangimento que os mantém ligados é sempre enigmático. (p. 20)

Há um ponto central do trançamento onde RSI não se sustenta, Lacan (1974-75) aponta este como o lugar do objeto que viria a satisfazer o gozo do sujeito, o *objeto a*. Objeto que determina o que é o sujeito.

**Figura 8** - Os seis cruzamentos do nó borromeano.



Fonte: Vorcaro, 2016, p. 740.

Ao final da trança da criança, um corpo se constitui, um corpo infantil. Essa trançagem passa pelas operações de alienação e separação, que permitem visualizar a constituição do sujeito de uma forma ampla pela via de dependência do significante ao Outro. Transitar pela topologia real/simbólico/imaginário, enquanto enlaçamento inaugural do sujeito, permite identificar os seis movimentos na criança: os primeiros três movimentos na operação de alienação, e os três últimos na operação de separação.

Vorcaro (1999) destaca que as operações de alienação e separação, em Lacan, permitem a dedução da constituição do sujeito pela via de sua dependência significativa do lugar do Outro. É na relação com o Outro que se dá a entrada do sujeito no mundo, é um processo dialético, entre o sujeito e o Outro, que consiste em ser capturado e deixar-se capturar por esse Outro primordial. Esse Outro, com o maiúsculo, é aquele que oferece ao sujeito uma textura da linguagem, do mundo, e a partir daí o sujeito faz sua subversão, não sozinho (Rosa, 2015).

A primeira aparição do sujeito no campo do Outro introduz a lógica da alienação, que forma um muro da linguagem. Lacan (1964) afirma que a constituição do sujeito só se dá no campo do Outro. A operação de alienação consiste em condenar o sujeito a só aparecer como sentido e como afânise, no campo do Outro. Quando reunimos o sentido com a afânise, há por consequência o que Lacan chama de *nem um, nem outro*, nem o sentido, nem a afânise, há os dois. Temos então a alienação.

Lacan (1964) comenta que o que nos interessa é

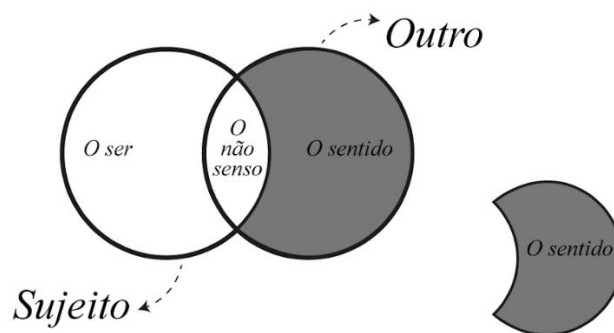
o ser do sujeito, aquele que está ali sob o sentido. Escolhemos o ser, o sujeito desaparece, ele nos escapa, cai no não-senso – escolhemos o sentido, e o sentido só subsiste decepado dessa parte de não-senso que é, falando propriamente, o que constitui na realização do sujeito, o inconsciente. Em outros termos, é da natureza desse sentido, tal como ele vem a emergir no campo do Outro, ser, numa grande parte de seu campo,



eclipsado pelo desaparecimento do ser induzido pela função mesma do significante. (p. 206)

Segundo Lacan (1964), na alienação, o sujeito aparece como diferença, primeiro no campo do Outro, ele precisa ser dito por alguém, aparecer em um lugar de sentido e também se manifestar com seu desaparecimento. De acordo com Vorcaro (1999), a alienação se apresenta na lógica da reunião “entre o ser e o sentido induzido pela função significante, o sujeito subsiste decepado dessa parte de não-senso do ser” (p. 24).

**Figura 9** - Alienação – Reunião



Fonte: Castilho & Bastos, 2013, p. 91

A via de retorno da alienação é a separação. Enquanto na alienação temos a reunião; na separação teremos a interseção dos elementos do par de significantes, sentido e afânise. Lacan (1964) sugere que é por essa via que o sujeito encontra “o ponto fraco do casal primitivo da articulação significante, no que ela é de essência alienante. É no intervalo entre esses dois significantes que vige o desejo oferecido ao balizamento do sujeito da experiência do discurso do Outro” (p. 213).

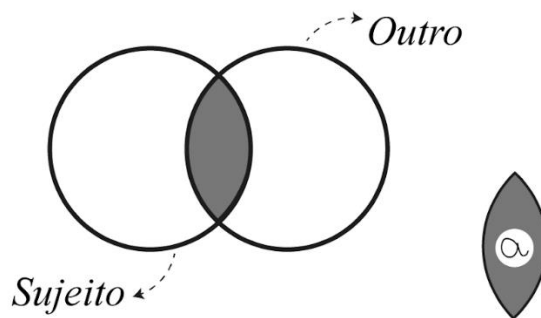
A separação é a operação pela qual o sujeito reverte a alienação, fazendo uma torção essencial na sua relação com o Outro, quebrando com a circularidade dessa relação e

encontrando um ponto para sua constituição. De acordo com Vorcaro (1999), é no intervalo do desejo do agente materno que

está para além ou para aquém do que ela diz, do que ela intima, do que ela faz surgir como sentido, no que seu desejo lhe é desconhecido, é nesse intervalo que é próprio da estrutura significante que o sujeito se constitui, ele é um efeito da fala. (p. 25)

A separação se dá no recobrimento de duas faltas: a falta do desejo do Outro, falta que o sujeito encontra no discurso do Outro; e o ser perdido do sujeito, sujeito também é falta. É nesse momento, em que o desejo do Outro desliza, que o sujeito pode se situar como sujeito. Com a separação de seu lugar prévio dado pela alienação, o sujeito deixa de ser ligado pelo seu sentido original, e o objeto a – elemento não significante – passa a fazer a função de tamponar o intervalo significante. Aqui sujeito e objeto a se articulam, opera-se a separação e o sujeito entra no campo da linguagem (Vorcaro, 1999).

**Figura 10** - Separação – Intersecção



Fonte: Castilho & Bastos, 2013, p. 93.

O sujeito de desejo surge dessa experiência que passa pelo discurso do Outro, mas que é atravessada pelo que é desconhecido, pela falta, por aquilo que vai além ou está aquém do que essa experiência diz, intima e traz como sentido. Lacan (1964) acrescenta que “o que quer

que se faça, sempre se está um pouquinho mais alienado, quer seja no econômico, no político, no psicopatológico, no estético e assim por diante” (p. 205).

O movimento de alienação e separação é constante, esse movimento cria um **entre**, aliena-**entre**-separa-**entre**-aliena-**entre**-separa. O conceito de **entre** abordado no início do capítulo é de extrema importância neste trabalho ao considerar que o tempo da adolescência é um tempo **entre** a infância e a idade adulta.

Nesse movimento, os pais vão mudando sua função junto aos filhos, e na adolescência se desvela a falha do pai, a imagem ideal que o sujeito tinha de seus pais, na qual fora preciso crer por causa das necessidades da vida. Contudo, apesar da perda, eles exercem influência, enquanto as únicas balizas de que alguma coisa ainda consiste, mesmo já sendo considerada retrógrada, incompreensível, falha, incongruente. De acordo com Alberti (2004), sustentando essa posição, as figuras parentais permitem ao adolescente que ele possa se alienar e se separar, quando necessário, nos momentos difíceis de sua própria existência, de suas pesquisas, mesmo as sexuais, necessárias para uma verdadeira tomada de posição na partilha dos sexos.

Freud (1914/1989f) afirma que os afetos que temos em relação às outras pessoas são aprendidos desde cedo, nos nossos primeiros 6 anos de vida. Só a partir de então seria possível desenvolver e modificar o direcionamento que esses afetos terão, mas não é possível eliminar o que já foi constituído anteriormente. Para Freud, todas as nossas futuras relações sofrerão de traços mnemônicos primários. “Entre as imagos de uma infância que geralmente não mais se conserva na memória, nenhuma é mais importante, para um jovem, do que a de seu pai” (p. 421).

Todo adolescente é transgressor e experimenta se separar do Outro. Quando falamos sobre entrada na adolescência, já supomos a operação de separação, e para que isso aconteça, inicialmente o sujeito se aliena ao Outro, sendo todo desejo, desejo do Outro. Porém, para exercer-se enquanto sujeito de desejo, é preciso poder se separar desse Outro (Alberti, 2004).

A transgressão adolescente se refere ao tempo em que o corpo, que foi trançado/constituído no tempo da infância, foi atravessado pelo real. O nó se desfaz e precisa ser refeito como um novo corpo, o corpo adolescente, dito por Freud, em 1905, como o mais próximo do corpo que o sujeito vai carregar em sua vida adulta.

### 1.3 A Trança Adolescente

A escrita da lógica psicanalítica do processo de estruturação do sujeito se insere na hipótese da determinação da estrutura que o implica numa impossibilidade do acesso a plenitude do gozo, e que o intima imperativamente a desejar, sem que nada o assegure. (Capanema, 2018, p. 44)

Até aqui descrevemos como se dá o nó borromeano de forma ideal, mas Lacan alerta, em seu *Seminário Livro XXII: RSI*, que o nó borromeano de três cordas, formado pelo trançamento de seis pontos, não é a norma. Esse nó perfeito não existe. É um modelo, uma estrutura ideal do ser falante. Segundo Capanema (2018) essa estrutura se constituirá falhada em cada sujeito, com lapsos no nó, e precisará de um quarto elo para que as três dimensões se mantenham entrelaçadas.

O nó feito na infância se desfaz com o encontro com o real do sexo na adolescência, e é nesse tempo que acontecerá uma nova trançagem, instaurando um quarto elo para que se possa entrelaçar **RSI**.

De acordo com Capanema (2018), o quarto elo tem a função de amarrar os três registros, reparando os lapsos e resgatando a condição borromeana supostamente necessária para a constituição psíquica. Essa articulação só é possível a partir da invenção do sujeito, singular e enigmática, em relação ao Nome-do-Pai. O Nó Borromeano é sempre pai-vertido.

Segundo a mesma autora, durante os cruzamentos é possível constatar que as falhas que acontecem no trançamento **RSI** são constitutivas da estrutura da realidade psíquica de um sujeito. É a partir desses acidentes nos movimentos da trança que podemos deduzir as psicopatologias. A hipótese do quarto elo, enquanto função de suplência, é uma aposta capaz de produzir uma modalização nessa estrutura falha. Os novos arranjos que acontecem no período de latência e na adolescência, campo de estudo deste trabalho, permitirão a construção de novos traços ou mesmo a sustentação dos que já foram construídos.

O tempo de latência marca o período de migração da masturbação para o ato sexual, operada pelo abandono da sexualidade infantil para a assunção da sexualidade adulta. O sujeito nesse tempo passa a se incluir no campo do saber. É o tempo dele compreender a castração. Freud (1905/1989c) conclui que o essencial da estruturação psíquica é cumprido no Édipo, mas ainda assim atribui importância à latência, enquanto fase em que se “erigem-se as forças anímicas, que, mais tarde, surgirão como entraves no caminho da pulsão sexual” (p. 167). O autor sugere que na puberdade é quando se dá plena constituição do sujeito.

Em seu estudo, Freud se refere ao período da adolescência como aquele em que há muitos impasses, obscuridades e enigmas a serem vividos e desvendados. Esse tempo do entre – infância e idade adulta – reconvoca ao enodamento por todo esse trabalho psíquico que o sujeito terá ante o real do sexo, quando busca saídas para a problemática que vive.

Segundo Capanema (2018), no período de latência, a pulsão de saber e a pulsão sexual caminham juntas, compondo as bases para que o sujeito construa sua fantasia. É nesse período que há a separação entre gozo e saber. É o tempo da desmontagem da cena edípica, quando se inventa uma nova posição da sua realização.

Conforme Capanema (2018, p. 59),

Na latência, a criança procura os meios de responder à existência da falta de saber do Outro, descobrir uma posição em que possa situar um saber em relação à alteridade. ...

O sujeito sai da posição infantil, onde é objeto do Outro, para construir seu próprio mito, em que o grande Outro é não todo, por meio das articulações e “hiâncias” significantes que o tesouro cultural lhe oferece.

Ao fim da infância e da latência, dá-se o fenômeno pubertário e todo o equilíbrio adquirido até então não é mais suficiente para responder às questões do sujeito humano. A mesma autora assegura que é no tempo da adolescência que o sujeito interroga os pais e todos os saberes obtidos ao longo da sua história. O real da puberdade entra em cena e o adolescente precisa tratar desse impasse ao nível do Imaginário e do Simbólico.

Freud (1905/1989c) referiu-se à transformação corporal da puberdade e ao encontro com a realização sexual que vigorava na fantasia infantil. O sujeito passa por um processo de abandono do autoerotismo, uma reorganização da vida psíquica que tem seu desfecho na vida sexual adulta, revive o Complexo de Édipo concomitantemente ao afastamento dos pais e também à sua definição da vida sexual.

O autor ainda afirma que o sujeito, nesta fase, produz fantasias para dar conta desse processo, e reaparecem as inclinações infantis, agora reforçadas pela pressão somática, e entre elas, com regular frequência e em primeiro lugar, o impulso sexual da criança em relação aos pais, geralmente já diferenciado graças à atração pelo sexo oposto. Simultaneamente à superação e ao repúdio dessas fantasias claramente incestuosas, ocorre uma das realizações psíquicas mais significativas e também mais dolorosas da época da puberdade: o desprendimento da autoridade dos pais, através do qual se cria a oposição da nova fase da geração em face da antiga.

Segundo Capanema (2018),

[há] um valor biológico e excesso libidinal na puberdade, porque esse é um tempo em que o organismo funciona como um desencadeador de angústia, sinalizando seu desamparo e exigindo um processo de reorganização psíquica. A adolescência constitui

um momento em que a angústia se encontra presente, seja pelo real biológico das transformações corporais, seja pela separação das figuras parentais, seja pelo encontro com o sexo. (p. 63)

Lacan, no único texto em que trabalha a adolescência, no prefácio sobre a peça “O despertar da primavera”, de 1974, elucida alguns pontos do nó borromeano, principalmente no que tange ao gozo fálico. Sobre isso, Capanema (2018) comenta que

o gozo do sentido é o que vai dar consistência à significação fálica, e o gozo fálico é o substituto do gozo impossível, é o gozo oriundo da castração, lugar onde o sujeito, para se proteger da inexistência da relação sexual, inscreve-se na função fálica. O gozo fálico aparece como o tipo de gozo emergente na adolescência, quando algo no corpo se agita e o sujeito não tem um saber pronto sobre o que lhe acontece. Mas também encontramos vários adolescentes submetidos ao gozo do Outro, que é sentido como algo corporal, mas alheio à função fálica que é a função da palavra, totalmente fora do Simbólico. (p. 66)

A peça “O despertar da primavera” de Wedekind, escrita em 1891, gira em torno de três jovens com questões relacionadas à sexualidade e à existência. Ao final da peça, num encontro com um dos jovens, surge o personagem o Homem Mascarado. A partir desse encontro, o jovem passa a se interrogar sobre sua existência, e o Homem Mascarado o sugere que procure por uma resposta própria, apontado, assim, a falta do Outro e sustentando a função do Nome-do-Pai. Ao escrever sobre esse prefácio, Lacan (1974/2003) demarca que ninguém escapa ileso da fase em que a sexualidade faz furo no real. Essa experiência é vivida na travessia da adolescência.

As questões que aparecem nessa peça comentada por Lacan são semelhantes às vividas pelas adolescentes de Freud, citadas no início deste capítulo. O sujeito vive esse momento avassalador de redescoberta de si mesmo, precisando se haver tanto com a castração das figuras parentais quanto com suas experiências e fantasias, no que se refere ao ato da relação sexual.

Segundo Lacan (1974/2003), no decorrer dessa temporalidade adolescente, a sexualidade faz furo no real e levanta o véu da não relação sexual. Esse encontro com o real do sexo reflete em um mal-estar, pois escapa de uma simbolização possível. Nesse momento, os adolescentes se deparam com aquilo que foge a uma possível representação – não há gozo pleno (Capanema, 2018).

Lacan (1974/2003) escreve que o sentido do sentido se relaciona com algo do gozo do menino como proibido, não para proibir-lhe a relação sexual, mas para cristalizá-la na não relação, no que ela tem de real. Dessa forma, o sentido do sentido é o real do sentido – é o que volta sempre ao mesmo lugar, *ex-sistindo* ao sentido. Além do sentido “imaginarizado” na fantasia dos adolescentes sobre a relação sexual, há um real do sentido que se produz nesse despertar da primavera, apontando para a não relação que o véu esconde. De acordo com Lacan (2003), “exerce função de real aquele que efetivamente se produz, a fantasia da realidade comum” (p. 558).

Conforme a mesma autora, ao constatar que o pai também é castrado, o adolescente precisa buscar uma saída que sustente a função paterna e sua própria vida, ele se percebe em uma posição diferente da que lhe foi atribuída até então. Ao trabalhar o nó borromeano, Lacan também trabalha a necessidade de um quarto nó que amarra **RSI** e mantém a realidade psíquica do sujeito enlaçada durante a temporalidade adolescente. Essa quarta dimensão se desdobra no que Lacan chama de nominação, algo que se articula com os conceitos freudianos de inibição, sintoma e angústia. O quarto elo se dá no período da adolescência, sendo de grande importância para o suporte do nó borromeano. O sujeito refaz seu próprio nó, retrazando sua biografia e reparando sua imagem, conforme suas novas identificações com os que fizeram funções parentais.

Lacan retoma Freud em “Psicologia das Massas e Análise do eu” para construir o que ele vai trabalhar enquanto identificação. Ele propõe uma identificação tripla: a identificação ao



**imaginário do Outro real**, ao **simbólico do Outro real** e ao **real do Outro real**. Há também a intrusão do trio freudiano *inibição, sintoma e angústia* em **RSI**, que seria a **inibição como nominação do imaginário**, o **sintoma como nominação do simbólico** e a **angústia como nominação do real**. A partir de então, apresenta-se o quarto elo (Capanema, 2018).

Capanema (2018) observa que, para Lacan, as identificações sempre dizem respeito ao Outro real. A primeira identificação com a qual trabalharemos é a **identificação imaginária ao Outro real** – a nominação Imaginária – que se refere a uma presença imaginária do desejo do Outro. É quando as pessoas se identificam a um grupo e fazem coisas que não fariam se estivessem sozinhas. É o que Freud chama de identificação constituinte da massa, unificadora. Isso é vivido pelos adolescentes nos grupos dos quais participam, eles se identificam e reproduzem comportamentos, vestimentas, dentre outros aspectos.

De acordo com Capanema (2018), a identificação ao **simbólico do Outro real**, “é a que leva ao sintoma neurótico” (p. 101). Aqui temos o Complexo de Édipo, em que a identificação pode ser feita com a pessoa rival ou com o objeto amado. Esse tipo de identificação é parcial, tomando apenas um traço do Outro. Em Lacan, é pela marca do traço unário que o sujeito se constitui. Esta é a nominação Simbólica.

Num terceiro momento, Capanema (2018) retoma Lacan para falar da identificação ao **real do Outro real**, que está relacionada à dimensão amorosa que estabelece o Nome-do-Pai. Essa identificação primária freudiana aponta para um movimento inicial de estruturação do inconsciente e é a base das identificações constituintes dessa estruturação. O modo como isso acontece interfere nas possibilidades que o sujeito terá ou não como elementos da estrutura subjetiva. Essa identificação é a nominação real e é nesse lugar que Lacan situa a angústia.

As nomações descritas anteriormente são o que Lacan propõe como os primeiros nomes que possuem função de enodamento do ser falante, e ele relaciona a estas nomações o trio freudiano *inibição, sintoma e angústia* (Capanema, 2018).

Conforme Capanema (2018) constata, a inibição é uma nomeação do imaginário, é ela que impede que haja um desdobramento infinito da reta do simbólico, fazendo-o entrar no nó e produzindo um sentido. Quando Lacan fala de inibição, ele está se referindo à intrusão do imaginário no simbólico. “A inibição como nomeação do imaginário é considerada um assunto de corpo, que é, para Lacan, constituinte do imaginário, mas que vai ter efeitos no campo do simbólico” (p. 105).

Como dito anteriormente, no nó borromeano, os três anéis se enodam formando um só corpo, produzindo consistência. Com a consistência Imaginária, há espaço para que o gozo se sustente fora dela, *ex-sista* a essa consistência, e a inibição é uma tentativa de oferecer sentido a esse gozo fálico, fora do corpo (Capanema, 2018).

Segundo a mesma autora, a lógica falo-castração está relacionada a condutas de risco presentes na adolescência, pois esses sujeitos, numa tentativa de dar conta desse gozo fálico, produzem nomeações imaginárias. Ela ainda acrescenta que

não por acaso, situa-se na adolescência o momento em que o jovem vai dar sentido à significação fálica e usar as insígnias fálicas guardadas no bolso como promessa futura. Entretanto, o que realmente acontece é que o sujeito se depara com a falta do Outro sexo, pois descobre a incompletude da relação sexual e que as insígnias paternas não lhe garantem o direito ao gozo fálico como pleno. (p. 106)

Continuando seu ensino sobre **RSI**, Lacan destaca o sintoma freudiano como um efeito simbólico sobre aquilo que não vai bem, sobre o real. A nomeação do sintoma é dada pelo registro do simbólico enodando no real. O sintoma *ex-siste* ao inconsciente, seu modo de gozo é determinado pelo inconsciente e basta a si mesmo (Capanema, 2018).

Por último, a autora pensa a nomeação determinada pelo enodamento do real sobre o imaginário, a angústia. O gozo aqui é sem limites, gozo Outro, gozo do corpo que não se

escreve. É uma tentativa de dar sentido ao gozo fora da linguagem. A angústia *ex-siste* ao interior do corpo.

Lacan, inicialmente, supõe a possibilidade de prescindir do quarto elo e reduzir a cadeia à sua expressão mínima de três registros, mas aos poucos ele foi mudando esse posicionamento e chegou a uma conclusão na última lição do *Seminário RSI*: não existe nó borromeano de três para o ser falante, há sempre uma falha, pois existe no ser humano uma desordem fundamental. Capanema (2018) comenta que o que Lacan entendia por função paterna sofre uma mudança com o nó borromeano: o “Nome-do-pai” passa ao “pai como nomeante”. Lacan liga o estatuto do pai ao sintoma.

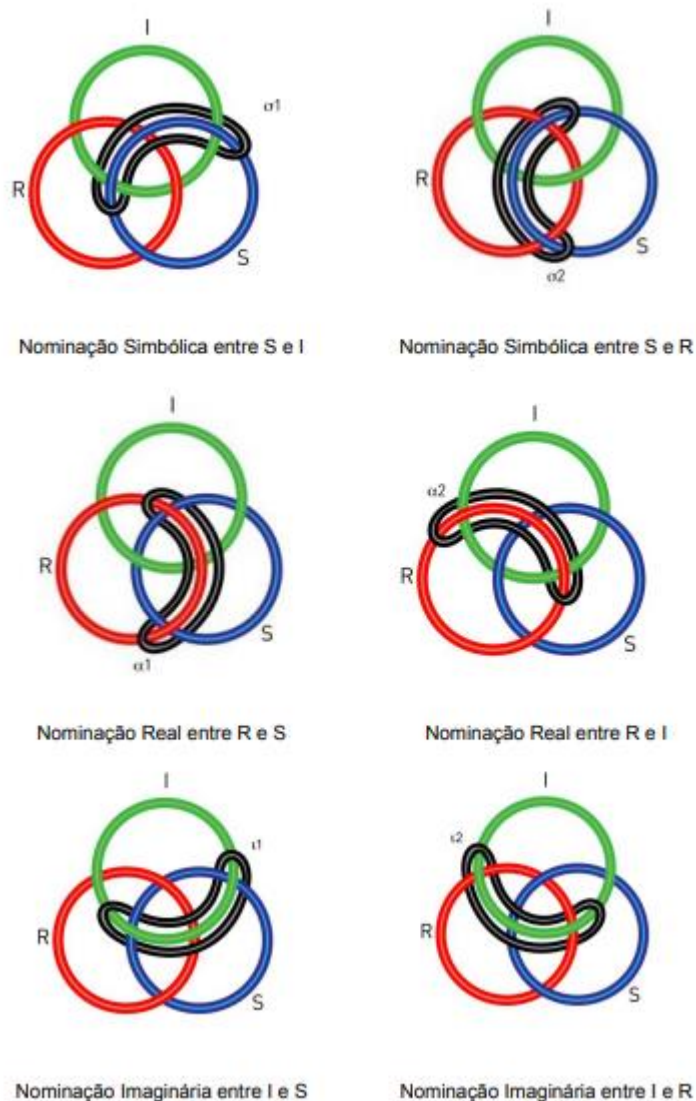
O pai como nomeador depende da articulação com o real, simbólico e imaginário, pois os três registros são os primeiros nomes do pai e dependem de um quarto anel, o Nome do Nome, o pai como nomeador, diferenciando-se de **RSI** e dando-lhe sentido a partir das combinações entre seus pares. Segundo Capanema (2018), a nomeação do “quarto anel abre caminho para a existência da pluralidade dos Nomes-do-pai. Com o nó borromeano, a função de nominação não é mais privilégio do Nome-do-pai nomeado, ela se pluraliza em Nomes-do-pai nomeantes” (p. 118). O quarto elo proporciona diferentes amarrações e pode ser imaginário, simbólico ou real.

Capanema (2018) demonstra que, no nó borromeano de três anéis, **RSI** se tornam homogêneos, por se tratar de um enodamento simétrico em que as dimensões ficam indistintas. É a partir dessa homogeneização que Lacan introduz o quarto elo e a operação de nominação para instaurar a dissimetria e a diferença entre os três registros. O quarto elo oferece a possibilidade de que cada um dos outros três anéis seja colocado em relação com aquele da nominação, assim, quando o quarto nó faz par com o imaginário, temos a nominação imaginária (Ni), com a inclusão da inibição; quando faz par com o real, uma nominação real (Nr), na qual

a angústia é enlaçada; e em par com o simbólico, temos a nomeação simbólica (Ns), da qual participa o sintoma.

O trio freudiano entra na nomeação e se enlaça de modo borromeano. Nessa proposição, o sintoma duplica o simbólico; a angústia, o real; e a inibição, o imaginário. Assim, clinicamente temos diversidade na singularidade das amarrações do quarto elo para cada sujeito e emergência das nomeações no período da adolescência (Capanema, 2018).

**Figura 11** - Nomeações simbólica, imaginária e real.



Fonte: Adaptado de Shejtman (2013, p. 183-184) citado por Capanema (2018, p.123).

De acordo com Capanema (2018), Lacan concede ao que veio a ser conhecido como *sinthoma* a mesma função de nomeação do quarto elo, do pai na nomeação. O *sinthoma* não é simbólico, imaginário ou real, ele é o que enlaça as três dimensões. Lacan sugere que o *sinthoma* faz um par especial com o registro simbólico, sendo assim, o real faz par com o imaginário, e nesse enodamento os pares não se modificam. As mudanças possíveis se referem à inversão entre real e imaginário e entre simbólico e *sinthoma*.

Para Capanema (2018), “a nomeação, assim como o *sinthoma*, é sempre uma reparação do lapso do nó, mas uma questão que se apresenta é se ela se realiza no lugar em que ocorreu o lapso do nó ou em outros lugares” (p. 128). Ainda no *Seminário XXII: RSI*, o quarto elo era tido como nomeação que enoda o nó borromeano, duplicando um dos três registros. A referência até aqui se localizava na estrutura neurótica, a reparação do lapso entre os registros se dá segundo a lógica edipiana. Quando Lacan, a partir de James Joyce, trabalha o conceito de *sinthoma* das psicoses e de uma reparação do lapso não borromeana, essa reparação diz respeito “ao modo como os três registros se amarram ao quarto elo e às variações estruturais passíveis de ocorrer no nó” (p. 128).

O que se torna importante diferenciar é que nem toda nomeação é *sinthomática*. É *sinthoma* quando há reparação do lapso no mesmo lugar onde ocorreram os dois lapsos entre os dois mesmos registros. De acordo com Capanema (2018), uma nomeação não *sinthomática* pode até desmanchar o nó, não enodando os três registros. “Assim, o *sinthoma* permite obter uma nomeação que cerne o real do gozo do sintoma sem forçosamente declinar o que o Nome-do-Pai articula como sintoma, inibição e angústia para um sujeito” (p. 129).

A trançagem na adolescência nos serve para amarrar os registros e constituir uma nomeação, podendo ela ser *sinthomática* ou não. Essa trançagem acontece mediante as contingências que o sujeito adolescente vive nessa temporalidade de sua vida, em busca de

resolver seus impasses, obscuridades e enigmas. Levantamos como hipótese, neste trabalho, que o uso de substância psicoativa por adolescentes muitas vezes constitui uma tentativa do sujeito de construir uma nomenclatura.

#### **1.4 Impasses Adolescentes e Modos de Negação**

Tomamos emprestado de Sonia Alberti (2009) uma possível definição de adolescência: uma fase paradigmática de impasses do sujeito diante do encontro com o real do sexo e da responsabilização pelo seu ato. À semelhança à trança adolescente apresentada anteriormente por Capanema (2018), Rassial (1999) propõe que se pense a adolescência e seus impasses pela via dos três registros – real, simbólico e imaginário – definidos por Lacan.

O real vivido na adolescência se apresenta através da puberdade fisiológica que aparece, segundo Rassial (1999), como um acidente, sendo o sujeito jogado no mundo perante as mudanças internas e externas de seu corpo, e aparece também como uma doença, tomada como normal, a posteriori, no nível consciente, mas que para o inconsciente é da ordem da mortalidade. Esse real também se refere à queda do Outro como detentor do saber, neste caso, as figuras parentais, o que exige um deslocamento e a revisão das identificações. O real aparece como um impossível, o da relação sexual.

O que sustentava a criança, permitindo desenvolvimento imaginário e ancoragens simbólicas, era a promessa de que, mais tarde, ao preço de uma renúncia provisória, ela teria acesso a um verdadeiro gozo. O adolescente descobre a futilidade dessa promessa: embora ele tenha acesso à genitalidade, o outro – objeto de seu desejo –, e o Outro – ao qual ele vota o amor que almeja em retorno – são reconciliados no ato dito sexual. *O gozo genital é, também, gozo parcial, e o Real é que faz fundo a este fracasso essencial,*

*não reparado nem pelo “conjugo” nem pelo donjuanismo.* (Rassial, 1999, p. 203, grifo do autor)

Para que o adolescente não fique preso a este real que se apresenta, um novo desdobramento do imaginário precisa acontecer para sustentar a imagem do corpo e a consistência do Outro. É a partir do imaginário que o adolescente seguirá dando sentido à vida, fazendo luto da imagem do corpo infantil construída até então e reencontrando um novo valor para o Outro (o Outro do Outro, a figura religiosa e/ou a Sociedade). *“O adolescente deve imaginariamente integrar os infinitos com os quais se confronta, devido à fragilidade dos alicerces que ordenavam, para a criança, o espaço e o tempo: infinito da cadeia de gerações e do tempo; infinitos espaços”* (Rassial, 1999, p. 205, grifo do autor).

O mesmo autor sustenta que o adolescente se encontra em um momento de fragilidade imaginária. Há nesse tempo da adolescência uma desorganização espaço-temporal, e na tentativa falida de uma reorganização vemos engajamentos em uso de drogas (objeto de estudo deste trabalho), delinquência, escarificações, comportamentos anoréxicos, entre outros.

Conforme foi discutido até aqui, a adolescência é uma fase em que o real comparece e que os registros imaginário e simbólico ficam em excesso ou falta. Há nessa fase uma mudança de posição, o adolescente passa da extensão mínima para a extensão máxima da cadeia de significantes. *“Há então um pôr a prova de que o microcosmo familiar não é fundador senão por delegação social, não é senão uma fórmula, imaginariamente consistente, de uma estrutura simbolicamente definida, da qual o laço social é uma outra fórmula”* (Rassial, 1999, p. 206, grifo do autor).

Segundo Rassial (1999), a cadeia significativa é abalada durante a adolescência em seus três níveis: significante-mestre, significante-fálico e Nome-do-Pai. Ao nível do significante-mestre, a hierarquia parental não é mais suficiente para sustentar a identidade do sujeito. No tocante ao significante-fálico, não há garantias de uma relação com o outro sexo. Com relação

ao Nome-do-Pai, a organização familiar já não basta mais, o adolescente irá buscar outros nomes-do-pai que não o pai da realidade. O significante muda de valor e o simbólico é posto em questão. *“A adolescência, ao preço de não produzir neste lugar senão sintoma, sintoma sexual, produção que marcará o fim do processo e a entrada na idade adulta, é este momento em que o significante se confessa enganador e o simbólico frágil”* (p. 208, grifo do autor).

Segundo Le Breton, (2017), o adolescente procura por identificações e referências diferentes das quais teve como modelos até então, busca por novos caminhos e se abre para novas experiências com o intuito de se apropriar de seus comportamentos, sendo original o suficiente a fim de se reconhecer e se construir nesse novo espaço. O adolescente vive sua relação com o mundo tomando por medida seus novos desejos, que são totalmente distintos daqueles que experienciou em sua infância. É nesse tempo que o sujeito percebe que a condição humana se dá pela via da falta, é um sentimento de que mil coisas são possíveis a todo instante, mas que é preciso aceitar, escolher e perder.

Gutierra (2014) esclarece que, desde as sociedades primitivas, observa-se um ritual de passagem da infância para a vida adulta, um banho simbólico que inaugura o jovem nessa nova etapa de sua vida. O ritual era o suficiente para que o jovem tomasse seu lugar no laço social e nas trocas afetivas e sexuais, não existindo uma travessia alongada, que conhecemos hoje como adolescência, para entrada no mundo adulto.

A mesma autora ainda sustenta que

para o ser humano ser incluído na cultura e na linguagem, há na puberdade o (re)encontro com o não simbolizado e com a não complementariedade dos sexos. Há, então, neste tempo, um trabalho psíquico do sujeito que está às voltas com o encontro do real do sexo. (p. 22)

O ritual seria uma estratégia empregada por pequenas culturas para darem conta daquilo que escapa, mas também uma maneira de impedir que o pequeno jovem acreditasse que sua



força poderia suplantar a dos semelhantes, sem inscrever-se no laço social. Os ritos iniciáticos funcionariam, portanto, como mecanismos sociais de reforço do Complexo de Édipo, assim como do Complexo de castração, marcando o corte, a perda, a falta, promovendo uma circunscrição simbólica, incluindo o sujeito na lei, na cultura e no laço social: “o rito iniciático é, por um lado, um esforço de simbolização, que não se efetua sem uma castração, e, por outro lado, uma especularização do sujeito diante dos ideais da cultura” (Gutierra, 2014, p. 22).

Em meio ao turbilhão de emoções, os ritos de passagem deveriam oferecer uma maneira para que o adolescente se lance no mundo adulto e construa novas formas de identificação. Contudo, de acordo com Le Breton (2017) na realidade em que vivemos, não há espaço para que esses ritos aconteçam, eles vêm sendo extintos, passaram a ser solitários e não são reconhecidos socialmente.

Gutierra (2014) frisa que o fato de atualmente os jovens não contarem com ritos de passagem que simbolizem esse momento vivido dificulta essa trajetória, mas também abre a possibilidade para que o adolescente construa soluções e saídas singulares. O que antes era coletivo, agora pode se tornar um processo pessoal de subjetivação. Porém, para que isso ocorra, o jovem precisa de um terreno estável para se apoiar quando sentir necessidade.

Alberti (2004), ao retomar Lacan, refere-se à adolescência como a fase em que, para haver a separação, é necessário lembrar que todo sujeito é antes alienado ao Outro. O desejo, por definição, é desejo do Outro. O adolescente faz a escolha na vertente inversa, a da separação do Outro, fazendo cortes e recortes naquilo que, quando alienado, era dito pelo Outro, levando em consideração que quando há escolha nem tudo é possível.

Uma vez que toda demanda é demanda de amor, o sujeito permanece, mesmo na separação, o tempo todo demandando. Ele pede, quer e exige resposta do Outro, ou simplesmente não fala nada do que quer do Outro. Alberti (2004) afirma que o adolescente, por

si só, está em busca de reconhecimento, mas se depara com o fato de que este não vem com a frequência que vinha na infância.

O círculo de relações sociais do adolescente muda, e as pessoas com quem ele se relaciona nessa fase, que se identificam com seus ideais, não têm com ele a mesma relação que seus pais quando era pequeno. Nem mesmo sua relação com os pais é a mesma. O sujeito pode, a partir disso, interpretar que ninguém o ama, essa é uma das razões pela qual a demanda de amor é intensificada. O que acontece é que há um engano do próprio sujeito consigo mesmo. O adolescente acha que quer amor, mas na realidade o que ele quer é tamponar o fato de ele mesmo ser desejante, o sujeito troca sua possibilidade de desejar pela demanda de amor. Alberti (2004) sustenta que

a possibilidade de desejar se assenta na própria curiosidade, sexualmente determinada, fundamentando uma posição subjetiva frente a um querer saber. No caso de o próprio sujeito se enganar sobre seu desejo, a relação com o saber o paralisará na ficção de uma presumida incapacidade. (p. 43)

Freud (1910/1989d), em “Contribuições para uma discussão acerca do suicídio”, aponta essa fase da vida do sujeito como um tempo frágil de um imenso trabalho psíquico, e enfatiza a importância de buscar substitutos ao trauma para auxiliar o adolescente nesse período de transição. Segundo o mesmo autor, o adolescente está em busca de uma impossibilidade: o ideal da sexualidade humana.

O sujeito no tempo da adolescência é alguém que passa a ter a possibilidade da escolha, ainda sustentado na alienação ao Outro, mas inscrevendo na relação com o Outro a vertente da separação. Alberti (2004) complementa que atravessar esse tempo é sustentar o fato de que todos os seres humanos são alienados e se servem da alienação para se inscreverem na cultura.

Ao ir para o mundo e sair da casa dos pais, o adolescente pode se sentir ameaçado, na medida em que tudo é novo e a proteção que os pais idealizaram já não acontece como antes.

O que ajuda o adolescente a enfrentar esse novo lugar são os grupos, tribos e gangues, os quais oferecem uma ilusão de apoio e modelo de comportamento aos jovens que estão nesse momento lidando com muitas dúvidas a respeito de si mesmos, e além disso, eles concedem ao jovem um lugar no mundo (Alberti, 2004).

Calligaris (2000) destaca que um adolescente quer ser reconhecido como adulto. O jovem entende que só assim será amado, e que para isso ele precisa transgredir, preenchendo as expectativas do desejo dos adultos. A adolescência é uma interpretação dos sonhos adultos, que força o adolescente a tentar descobrir o que os adultos querem, assim, eles podem encontrar e construir respostas muito diferentes. As atitudes são variadas tal como os sonhos e desejos reprimidos, por isso parecem transgressoras.

Rassial (1999) entende a adolescência como um momento em que o sujeito faz uma operação de deslocamento do campo pulsional, isto é, passa a encontrar com a sexualidade de forma organizada, posicionando-se e respondendo com os meios de que dispõe. É a fase em que o sujeito é convocado a ressignificar as moções pulsionais, deparando-se com o real do Outro sexo para que haja encontro com a alteridade. Há de se reconhecer um trabalho velado para o apagamento das questões subjetivas da adolescência, quando se dá destaque ao desenvolvimento físico ou à irrupção do desejo sexual, quando há um impedimento de que o sujeito se posicione. Temos então um desamparo político e social que se articula com a produção da angústia traumática.

Alberti (2004) reforça que o discurso do capitalismo coaduna com a ideia de que os jovens busquem por um gozo aparentemente fácil. Nesse sentido, o sujeito perde sua própria falta e a possibilidade de ser desejante.

Todas essas mudanças contribuem para a vacilação na adolescência, já que o sujeito passa a não reconhecer o seu próprio corpo e o mundo à sua volta, toda a certeza que ele tinha “caiu por terra”, agora é hora de se redescobrir. O adolescente se vê numa posição em que é

abarroado por tantas questões e muitas vezes duvida que irá conseguir encontrar um caminho possível para dar conta de todas elas (Alberti, 2004).

Pensamos que tanto as emoções afetuosas quanto as hostis referidas à figura paterna andam lado a lado, sem que uma elimine a outra. É o que Freud denomina de ambivalência emocional. O sujeito é ambivalente, é contraditório e é na adolescência que há a oportunidade de o sujeito se deparar com os limites de sua existência, rompendo com valores da família e da infância, daquilo que o constituiu, podendo se autoafirmar. O sujeito tem agora a possibilidade de experimentar o que é inquietante na vida, arriscando-se a escolher e tomar decisões que antes não eram possíveis, pois vivia com um ponto de anteparo, os pais (Alberti, 2004).

Com a queda da crença infantil na onipotência paterna, o adolescente pode procurar novas formas de estar no mundo. Durante a infância, a criança salva os pais o tempo todo, sobretudo por temer o desamparo fundamental, conseguir elaborá-lo é um longo trabalho do adolescente.

De acordo com Alberti (2004), esse trabalho

implica verificar que por mais que haja o desamparo fundamental, ou seja, por mais que o sujeito não tenha outra garantia para sua existência além da garantia simbólica, é possível vir a fazer alguma coisa, *fazer acontecer*, como se diz (p. 24).

Caso seja privado da oportunidade de elaborar e reconstruir a falha paterna, o adolescente pode muitas vezes produzir processos sintomáticos, que se referem justamente ao efeito da identificação do sujeito com o que falha. Segundo a mesma autora, o trabalho do adolescente é poder encontrar referenciais simbólicos que de alguma forma o levem a criar uma direção para si mesmo, a apostar na possibilidade de fazer suas próprias escolhas. É preciso coragem para escolher. Escolher envolve tomar como responsabilidade própria a consequência do que virá, rompendo com desígnios e ditames.

Alberti (2004) afirma que na tentativa de dar conta disso que o adolescente identificou como faltante no outro, e não encontrando – ou não dando conta de encontrar – um referencial simbólico para tal, ele passa a recobrir como pode a tentativa de operar a separação. Aqui encontramos adolescentes que escarificam o próprio corpo, operam uma anorexia, passam pela experiência do uso de drogas, etc. Apesar de ser uma tentativa atrapalhada, claudicante, de dar conta desse real vivido, é a maneira que encontra de responder a isso.

Freud (1905/1989c) sugere que a adolescência implica a puberdade, com o ensino de Lacan entendemos, que esse encontro com a puberdade é o encontro com o real do sexo; em Lacan, o real do sexo é efeito de linguagem. Na práxis psicanalítica, não há um antes e um depois da ordem real e simbólica, o real é efeito do simbólico. Segundo Alberti (2009), em psicanálise não há espaço para lidar com significações preestabelecidas. O que tem grande valor é como o sujeito pode reconstruir sua história no desvelamento de seu desejo.

O sujeito só faz algo com efetividade quando já não se espera que o Outro faça, contudo, essa esperança persiste ao longo da vida. Freud (1930/1989k), em “Mal-estar na civilização”, destaca que o sujeito busca, o tempo todo, um reconhecimento do Outro, não conseguindo bancar seu próprio desejo de modificar algo na realidade para garantir o que busca.

Ao percorrer a constituição do sujeito – fazendo o trançamento borromeano da criança, sendo que, com a chegada do tempo da adolescência, essa primeira trança se desfaz e se torna necessário percorrer novamente os enlaçamentos, refazendo a trança –, é possível observar que, no enodamento adolescente, o nó se torna um nome. A nomeação ocorre exatamente ali onde um registro capenga. É no caso a caso que se torna possível apontar qual registro faz contingência e desamarra esse nó que Lacan vai chamar de ideal.

Neste trabalho, pretendemos abordar o uso de drogas enquanto uma saída, alternativa à solução *sinthomática*, que o sujeito adolescente cria para resolução de seus impasses, buscando fazer suplência a esse registro contingente, que pode ser real, simbólico ou imaginário.

De acordo com os dados de 2021 do “II Relatório Brasileiro sobre Drogas”, um terço das crianças entrevistadas entre 10 e 12 anos já usaram drogas lícitas pelo menos uma vez na vida; e 37,2% de pessoas com idade entre 13 e 17 anos já apresentaram pelo menos um episódio de embriaguez. Já quando se refere a jovens entre 18 e 24 anos, a pesquisa concluiu que essa é a idade em que há a maior prevalência do uso de drogas, tanto lícitas quanto ilícitas, em comparação a qualquer outra faixa etária.

Os dados apresentados não surpreendem, uma vez que o uso de substância é uma realidade no cotidiano social, de modo que já se trabalha muito com o que é universal e geral desse uso. No entanto, cientes de que na adolescência é comum o contato com a substância droga, trabalharemos considerando o que é singular nessa saída que o sujeito adolescente encontra e tomaremos o uso de drogas como um sintoma, uma nominação, que busca fazer suplência ao registro que se encontra contingente.

## **Capítulo 2 – Uso de Substância: dos Discursos Científicos ao Discurso através da Clínica Psicanalítica**

É sempre mais difícil ancorar um navio no espaço.

–Ana Cristina César, Recuperação da Adolescência

Este capítulo comporta um breve levantamento histórico do sintagma "uso de drogas" para discorrermos sobre qual o lugar dessa expressão no campo psicanalítico. A intenção é fazer um levantamento de como a categoria nosológica em psicopatologia do uso de drogas pode ser trabalhada em psicanálise, especificamente na escuta analítica do sujeito no tempo da adolescência.

A expressão “uso de drogas” geralmente é referida ao que nomeamos por "uso de substância", que designa, para a medicina/farmacologia, a introdução de substâncias/compostos químicos no organismo vivo, gerando modificações nos processos bioquímicos, que resultam, entre outras coisas, em mudanças fisiológicas, cognitivas e comportamentais. a principal definição utilizada para droga é a da Organização Mundial de Saúde (OMS, 1993, como citado em Lima, 2013, pp. 69-82), a saber, “toda substância natural ou sintética que introduzida no organismo vivo, pode modificar uma ou mais de suas funções” (p. 25).

Para Lima (2013), as drogas possuem diversas classificações a depender do critério que se leva em consideração, podendo ser farmacológico, clínico, social, epidemiológico, legal, moral, entre outros. Em medicina/farmacologia, a classificação varia conforme sua estrutura química e seu mecanismo de ação no organismo, subdividindo-as em depressoras (relaxamento, sonolência, anestesia, sedação), estimuladoras (produzem euforia, sensação de bem-estar, aumento de energia, estimulação cardiovascular) e perturbadoras (produzem alterações qualitativas no Sistema Nervoso Central).

É interessante destacar que mesmo classificando as drogas segundo critérios psicofarmacológicos, as ciências médicas indicam que os efeitos de cada substância podem ser distintos em diferentes pessoas.

Quanto à legalidade da droga, ela pode ser considerada substância lícita ou ilícita, a depender de variações de regiões territoriais e suas leis sociais, tratando-se, no entanto, de uma divisão muito mais moral e mercadológica do que no discernimento de seu valor modificador corporal.

Jesus Santiago (2017) fez um levantamento apontando que, no contexto sócio-histórico-cultural em que vivemos, o fenômeno da toxicomania segue uma visão normativa de um diagnóstico, criado pela medicina e complementado pelo discurso jurídico, no qual a substância droga é uma das principais responsáveis pelos problemas do mundo contemporâneo, tornando-se, além de uma doença, um crime no imaginário social.

Ao nível do discurso médico/jurídico, há uma supremacia moral na concepção do uso de drogas, que tem como consequência a segregação de pessoas, denominando-as como “usuários de drogas”, “maconheiros”, “bêbados”, “fumantes”, entre outros. Santiago (2017) ressalta que a psicanálise se encontra numa posição em que seu saber “aponta a incapacidade do saber científico em lançar luz sobre a necessária distinção entre a droga do toxicomaniaco e o elemento da toxicidade inerente a essas substâncias” (p. 15).

Em concordância a essa afirmação de Santiago, o interesse deste trabalho perpassa pela curiosidade sobre os efeitos que essas substâncias produzem no corpo do sujeito, investigando quais as modificações que elas provocam nesse corpo e como escutamos e recolhemos a escolha que o adolescente faz pela substância em busca de algum efeito em face da angústia dessa temporalidade em que ele vive, considerando que a visão moral sobre a droga não desdobra a questão do sujeito que escolhe utilizá-la.



Quanto à incidência temporal do que estamos nos referindo como uso de drogas, é comum, na sociedade contemporânea, tanto o uso do álcool como o das chamadas “drogas ilícitas”, principalmente no que concerne ao que chamamos de “uso social”, o qual varia a depender de quem usa, da região, do local, etc. Nesse sentido, o uso pode ter diferentes graus, desde o eventual até a toxicomania grave. Entendemos que o uso eventual está associado a grupos, eventos, estilo de vida, lazer e descontração. De acordo com o Manual de Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais 5ª edição (DSM-5), é considerado toxicomania grave o uso frequente em grandes quantidades, uma forte necessidade de usar a substância, dificuldade em desempenhar atividades importantes devido ao uso, entre outros fatores. De acordo com Gurfinkel (1993), existe uma associação entre o uso de drogas e situações de dificuldade durante a vida. Esse uso, enquanto uma saída para o problema, acontece muito na adolescência – mas com frequência se reduz na fase adulta – e também após perdas pessoais como falecimento, desemprego e queda da posição social.

O fenômeno do uso de drogas segue uma visão social que é facilmente capturada por discursos normativos em que a pessoa que usa drogas se encaixa em um diagnóstico, tornando-se um problema para a sociedade e uma adversidade na conjuntura do mundo atual. Esse posicionamento em relação às drogas é resultado da supremacia científica que identifica pontos em comum nos saberes médico e jurídico, corroborando com a segregação social (Jesus, 2017).

Há uma pluralidade nas formas de uso de drogas, de modo que qualquer tentativa de classificação implica na exclusão da singularidade do sujeito em questão. Em psicanálise, trabalhamos com o sujeito do inconsciente, assim, não há adjetivo que possa denominá-lo de outra maneira, e não há generalização que responda pela escolha do uso de substância. Zafiropoulos (1994) chega a afirmar que “o toxicômano não existe” (p. 18). Portanto, é no caso a caso, na relação analista-analisante, que é possível trabalhar essa escolha e os efeitos dela.

Após essa breve descrição do sintagma utilizado usualmente com relação às drogas, neste trabalho tomaremos como referência a expressão uso de substância. Posicionando-nos de acordo com Jesus (2017), sem fazer referências as categorias anteriormente descritas, devido ao seu caráter moral e ao diagnóstico referido ao discurso científico, médico e jurídico, bem como ao discurso religioso e social.

Deslocando-nos do “discurso científico-médico-jurídico” e “discurso religioso-social” como referência para o estudo do uso de substância, o foco deste trabalho é o “uso eventual ou social”, que está, muitas vezes, relacionado a grupos ou atividades específicas. No nosso caso, a especificidade da pesquisa refere-se ao uso de substância pelo sujeito no tempo da adolescência, como uma possível forma de responder a angústia vivida diante o encontro com a sexualidade.

Jesus (2017) ressalta a importância de se fazer uma crítica a essa segregação médico/jurídica, sendo esse saber científico incapaz de opinar sobre a relação do sujeito com a substância. Para o autor, a psicanálise possui meios de trabalhar o uso de substância, enquanto uma construção substitutiva ao sintoma neurótico, em busca de uma saída para as dificuldades que o sujeito vive diante do mal-estar do desejo, através do conceito de gozo.

Em concordância a esse pensamento, Durval (1999) aponta que o saber psicanalítico pode problematizar e abrir um caminho diferente desse do discurso moral e científico que enfatiza a tragédia familiar, a dificuldade de produção e a disposição orgânica e genética como consequências e justificativas do uso de drogas. Ele afirma que o caminho que a psicanálise produz não exclui o que já fora concluído até então, mas trabalha os conceitos que não são pensados fora do campo psicanalítico: a pulsão e o sujeito.

A forma escolhida para abordar o tema deste trabalho surgiu a partir da prática clínica, isto é, levando em consideração o conceito psicanalítico de transferência e destacando a importância de nos atermos ao discurso do sujeito. Usar drogas, por si só, não diz nada sobre o

ser falante<sup>3</sup>. O uso de drogas só pode ser compreendido quando investigado na singularidade de cada caso, na história de cada sujeito e, nesse sentido, não será pensado enquanto doença.

Para discorrermos sobre como circunscrevemos o uso de substância na escuta clínica de adolescentes, utilizaremos a pesquisa de Daniela Bezerra (2021), publicada em seu livro *Sem a droga, a compulsão*. A autora aborda, a partir de uma conferência que Lacan proferiu no encerramento da *Jornada de Cartéis* (1975/1976), a função do uso de substância na estruturação do sujeito a partir dos conceitos de significante fálico, gozo fálico e supereu.

Nosso trabalho vai ao encontro da pesquisa da autora, já que nossa questão principal gira em torno de investigar qual a função que o uso de substância opera na constituição do sujeito no tempo da adolescência, buscando um recorte teórico no campo freudo-lacaniano no que se refere a esse uso, atendo-nos aos três conceitos citados anteriormente e seus desdobramentos do uso de substância pelo adolescente.

## **2.1 De Onde Partimos em Psicanálise? O Significante Fálico de Freud a Lacan**

Neste item, trabalharemos o uso de substância a partir do conceito do significante fálico. Abordaremos esse conceito tendo em vista a hipótese de que o uso de substância pode ser uma escolha do sujeito para substituição ao significante fálico, como forma de responder ao Outro e ao imaginário social.

Para discorrer sobre esse assunto, traremos os avanços pontuais que Lacan fez em seu ensino no que se refere ao conceito de significante fálico. Analisaremos com o texto *A significação do falo* (1958/1998b), avançando no conceito de falo, em busca de elucidar o modo que o sujeito utiliza para lidar com a castração estrutural, a fim de amenizar a angústia.

---

<sup>3</sup> O conceito de ser falante foi desenvolvido por Lacan a partir do *Seminário livro 20*, no qual o ser não é apenas de linguagem (sujeito barrado), mas também ser de corpo.

Lacan (1958/1998b) inicia o texto com a seguinte frase: “Sabe-se que o complexo de castração inconsciente tem a função de nó” (p. 692). Rabinovich (2005) argumenta que, nesse texto, Lacan ainda não pensava sobre o nó borromeano. A castração se refere, então, a uma marca de um dos principais problemas da função fálica, por ser um momento no qual os diferentes caminhos (que depois Lacan veio a teorizar como simbólico, imaginário e real) se cruzam. A significação é pensada enquanto um efeito da metáfora e da metonímia; em Freud, a partir da condensação e do deslocamento, um produto do processo primário no inconsciente. Nessa perspectiva, a significação remete sempre a outra significação.

No texto, Lacan (1958/1998b) aponta que essa função de nó do complexo de castração acontece na estruturação dos sintomas e na instalação de uma posição inconsciente no sujeito, para que ele possa se identificar com o ideal de seu sexo, responder ao desejo do seu parceiro e responder à criança, quando numa posição de paternidade/maternidade. O sintoma, enquanto significação do Outro, tem relação íntima com o falo, além disso, o falo tem função na regulação do desenvolvimento do sintoma<sup>4</sup>, é ele que possibilita a instauração de uma posição subjetiva do sujeito do inconsciente, sujeito barrado.

A posição inconsciente permite que o sujeito (a) se identifique com o ideal do sexo, (b) possa responder à sexualidade e (c) consiga se posicionar diante da maternidade/paternidade. Segundo Rabinovich (2005), Lacan separa esses três pontos, pois não os considera homogêneos e solidários, dado que o sujeito pode funcionar em um deles e não funcionar nos outros dois, assim como pode funcionar nos três. Nesse sentido, as duas funções de nó do falo fazem um questionamento sobre a maturação genital.

Nesse momento, retomamos a trama adolescente em que o sujeito pode funcionar nesses três pontos referidos por Lacan. Na teoria do nó borromeano, no tempo da adolescência, o nó se desfaz e o sujeito precisa fazer um novo trançamento a partir do que Lacan veio a chamar de

---

<sup>4</sup> Nesse momento, 1958, Lacan ainda não havia desenvolvido o conceito de *sinthoma*, mas, como já o apresentamos anteriormente, vamos trabalhar também com ele, diferenciando *sintoma* de *sinthoma*.

nomeação. Diante disso, levantamos a hipótese de que na saída que o adolescente busca fazer a partir da escolha pelo uso de substância, ele procura por uma regulação da angústia vivida.

Lacan (1958/1998b) ressalta que a diferença anatômica entre os sexos não é relevante para pensarmos a relação do sujeito com o falo e se questiona em quatro aspectos no que se refere principalmente à mulher: (1) a menina se considera castrada primeiro por sua mãe e depois pelo pai; (2) a mãe é considerada como fálica, independentemente do sexo da criança; (3) a significação da castração só é eficiente após a descoberta da castração da mãe; e, por último, (4) na fase fálica, que se caracteriza pela dominação imaginária do atributo fálico e pelo gozo masturbatório, quando Freud localiza na mulher o gozo no clitóris, excluindo a vagina como órgão genital.

Rabinovich (2005) comenta que, no primeiro questionamento, Lacan ressalta que o agente primordial de castração para a menina é a mãe, e que isso aponta para a posição subjetiva da menina em relação à privação do falo, que é coerente com a operação do Nome-do-Pai na castração, deixando a privação de ser obra do Outro e se tornando um desejo submetido à lei, tendo em vista que somos todos submetidos à lei.

No segundo e no terceiro ponto, Lacan discute a significação da castração –diferente da significação do falo – sustentando que o “complexo de castração só atua eficazmente produzindo sintomas a partir da descoberta da castração na mãe, isto é, do desejo da mãe”, isto quer dizer que só após a metáfora paterna o sintoma aparece, após a castração da mãe (Rabinovich, 2005, p. 15).

No quarto ponto, Lacan (1958/1998b) retoma o segundo nó da função do falo, o falo como regulador do desenvolvimento, introduzindo a fase fálica de Freud. Rabinovich (2005) afirma que Lacan já inicia a lógica do ser e ter o falo nesse momento, quando cita a dominância do atributo fálico, diferenciando a articulação imaginária da significação (ser e ter o falo) do gozo masturbatório.

Diante dessa articulação proposta por Lacan, avançamos na hipótese freudiana da intoxicação enquanto um tamponamento imaginário à angústia, situando a droga como uma possibilidade de atuar como significante fálico, resolvendo as questões inerentes à regulação sujeito-Outro-gozo.

A relação entre o gozo masturbatório e o falo como significante fica em suspenso no pensamento freudiano. No entanto, Lacan busca destrinchar essa relação e estabelece uma separação entre o domínio imaginário do atributo fálico e o gozo masturbatório aliado ao falo. Para Lacan, o gozo masturbatório não é da ordem do imaginário (Rabinovich, 2005).

Faz-se importante destacar que o que Lacan chama de gozo masturbatório nesse momento não diz respeito à teoria do gozo, a qual, nessa época, ele ainda não havia desenvolvido em seu ensino. O gozo é situado aqui enquanto relação orgânica objetual, nessa passagem do falo imaginário de Freud para o falo significante simbólico.

Lacan (1958/1998b) continua no âmbito freudiano, ressaltando que, apesar de a linguística moderna ter nascido após Freud, nas descobertas dele já havia uma oposição entre significante e significado, e que “o significante tem função ativa na determinação dos efeitos em que o significável aparece como sofrendo sua marca, tornando-se, através dessa paixão, significado” (p. 695).

De acordo com Lacan (1958/1998b), o significante fálico se torna uma marca do sujeito, uma marca da sua diferença em relação ao Outro. Se a nossa hipótese sustenta que a droga pode entrar nesse lugar de significante fálico, esta se torna fundamental para o sujeito que a usa.

Rabinovich (2005) demonstra que é a primeira vez no ensino de Lacan que se apresenta o termo “significável”, que implica em algo que aparece enquanto marca do significante e torna-se, por isso, significado. “O significável, portanto, é tudo aquilo sobre o que o significante pode atuar como agente produzindo um significado” (p. 20). Nesse momento, a autora também traz uma importante afirmação de que o significante em articulação com o inconsciente não pode

ser da ordem simbólica, e que só a partir disso Lacan introduz no texto o Outro com maiúscula, para depois se referir ao falo.

Lacan (1958/1998b) retoma o Outro para dizer que é nesse Outro, por uma anterioridade lógica, que o significante se encontra, isso acontece quer o sujeito queria ou não. Aqui o falo cumpre sua função. O autor esclarece que, em Freud, o falo não é uma fantasia, um efeito imaginário, e também não é um objeto e nem um órgão. Para Lacan, o falo é um “significante destinado a designar, em seu conjunto, os efeitos de significado, na medida em que o significante os condiciona por sua presença de significante” (p. 697).

Em sua formulação inicial sobre o significante, Lacan diz que “um significante é o que representa um sujeito para outro significante”. A partir disso, Rabinovich (2005) se questiona acerca do motivo de Lacan, ao falar do falo, ter utilizado o termo “designar” em vez de “representar”. A autora busca as definições da palavra “designar”, pois esta pode se referir a diversos contextos, e encontra “nomear, nominar, indicar ou assinalar”, então se questiona sobre o que pode nomear, nominar, indicar ou assinalar ao mesmo tempo. O significante fálico. É ele quem designa o conjunto dos significados. Lacan trabalha com dois conjuntos, o dos significantes e o dos significados; do conjunto dos significantes ele retira um e dá-lhe as funções de ser o nomeador, o indicador dos significados. O significante não é representação ou representável, ele opera enquanto pura diferença.

Para Lacan (1958/1998b), a presença significante produz efeitos. O primeiro efeito que ele aponta é um desvio das necessidades. O significante introduz um corte a essas necessidades, que se tornam alienadas à medida que retornam do Outro como demanda. Lacan comenta que “o que é assim alienado das necessidades constitui uma *Urverdrängung* (recalque primário), por não poder, hipoteticamente, articular-se na demanda, aparecendo, porém, num rebento, que é aquilo que se apresenta no homem como o desejo (*das Begehren*)” (p. 697).

A demanda produz uma dupla insatisfação, do lado biológico e do lado significativo, ela não sacia as necessidades nem o desejo. Desejo, para Lacan, é o retorno do rebento, o retorno da necessidade alienada na demanda, sendo a demanda diferente da necessidade (Rabinovich, 2005).

A demanda refere-se a uma reivindicação de presença ou de ausência de um Outro, sendo diferente das satisfações que solicita. Para Lacan (1958/1998b), o Outro é aquele que tem o “privilégio” de atender as necessidades, e a própria demanda priva-o daquilo que poderia satisfazê-las. O Outro não tem o objeto de desejo – o falo simbólico –, ele consegue oferecer apenas substitutos a este objeto.

Segundo Rabinovich (2005), a privação do objeto culmina na demanda de amor, na frustração, deixando sempre uma margem de insatisfação. Ela aponta, resgatando a Antropologia, que momentos de consumo ritualizados são mais importantes do que a satisfação da necessidade, mas esses rituais se encontram perdidos e banalizados na sociedade atual (consumo massivo, banalização da festa, etc.), perdendo sua inserção numa tradição.

No mesmo texto, Lacan (1958/1998b) atém-se à demanda e aponta que há uma necessidade que está no além da demanda, a particularidade, a qual reaparece e conserva sua estrutura de que a demanda de amor não está condicionada a nenhuma outra coisa, ela é o significativo articulado. A essa incondicionalidade da demanda “o desejo vem substituir a condição ‘absoluta’: condição que deslinda, com efeito, o que a prova de amor tem de rebelde à satisfação de uma necessidade” (p. 698).

Lacan passa do termo incondicional da demanda para a condição *absoluta* da demanda, essa passagem não implica um retorno ao estado inicial, ao original, mas tem como efeito um sujeito dividido. Lacan emprega a palavra absoluta ao se remeter a um desejo como uma afirmação que se realiza. Rabinovich (2005) aponta que Lacan recorre ao vocábulo *obliteração*



quando se refere a algo da ordem de uma necessidade biológica. Assim, na tentativa de suprimir a necessidade biológica sempre fica um resíduo, um resto que não poderá ser eliminado.

De acordo com a mesma autora, esse resto abre caminhos para um poder do possível, “na medida em que o sujeito falante não tem um objeto fixo, lhe é aberta a possibilidade de muitos objetos diferentes, entra na cadeia de substituições do significante, com todo o poder que a cadeia implica” (p. 31). Esse resto que escapa à demanda não retorna como Outro incondicional, mas como condição absoluta, o desejo. Segundo Lacan (1958/1998b), “o desejo não é, portanto, nem o apetite de satisfação, nem a demanda de amor, mas a diferença que resulta da subtração do primeiro à segunda, o próprio fenômeno de sua fenda (*Spaltung*)” (p. 698).

Rabinovich (2005) demonstra que nesse momento Lacan introduz a sexualidade, relacionando esta ao desejo como objeto causa de desejo. A autora aponta que Lacan não deixa claro o que é essa causa, mas se refere ao fato de que o sujeito precisa tomar para si o lugar de objeto causa de desejo na relação com o *partenaire*<sup>5</sup>. Essa noção está no cerne da vida sexual e de tudo que causou certa dificuldade no campo da psicanálise no que se refere à sexualidade, já que a vida sexual está diretamente relacionada à noção de genital.

Nesse momento, Lacan (1958/1998b) traz uma nova definição de falo: “O falo é o significante privilegiado dessa marca, onde a parte do logos se conjuga com o advento do desejo” (p. 699). Por essa razão, Rabinovich (2005) relaciona a primeira definição com a segunda e define o falo “como significante que designa o conjunto dos efeitos de significado, o falo tem o privilégio de ser o significante que indica como a linguagem faz advir, permite o nascimento do desejo” (p. 34). A autora comenta que o falo é o significante que faz marca sobre o corpo, é um significante que não varia com a história de cada sujeito, ele é universal, pois tem ligação direta com a sexualidade e com a linguagem.

---

<sup>5</sup> Palavra em francês, significa parceiros.

O falo tem uma articulação por igual com as ordens do real, simbólico e imaginário, diz Rabinovich (2005). O real aqui tomado no sentido de realidade, apoiando-se no biológico, o real da copulação sexual. O simbólico se apresenta no seu sentido literal, a copulação lógica. Lacan joga com as variantes cópula, copular e copulação em seus equívocos, e também se remete ao sentido literal e tipográfico, apontando o falo enquanto o significante da marca. No que se refere à ordem imaginária, Lacan aponta a turgidez do significante fálico em sua relação com a sua imagem, essa turgidez está ligada diretamente ao significante, o falo imaginário, aquele que opera a castração, é um falo não túrgido.

Mais adiante, Lacan (1958/1998b) argumenta que o falo só desempenha seu papel enquanto velado, e que ele é signo desse velamento, signo da latência, que afeta o significável. A partir dessa afirmação de Lacan, Rabinovich (2005) comenta que

no início do artigo, o significável surgia como o que não tem nenhum significado, a não ser a possibilidade de chegar a ser um significado por ação do significante, aquilo sobre o que opera o significante para produzir significado. O falo como signo indica a latência, o recalque primário que afeta o corpo do significável por ação do significante. Se o significante representa um sujeito para outro significante, o falo como signo da latência representa algo para alguém, como a fumaça que representa o fogo. (p. 40)

Rabinovich (1995/2005) se questiona sobre o que motivou Lacan a introduzir o signo nesse momento do texto. Ela salienta o fato de o autor não se referir ao falo enquanto significante que representa o sujeito para outro significante. Nas definições de falo, ele é o significante do desejo e o significante do gozo. Sendo assim, o falo é signo do recalque, que implica na marca da confluência da cópula lógica com a cópula biológica, com a função de intermediar as relações e fazer laço entre os sexos. O falo é signo do desejo e signo do gozo.

É o falo que preenche o que a sexualidade humana perdeu de natural pela incidência do significante e por obra do recalque primário, ele faz marca e faz laço entre os sexos. O destino

do significável é ser elevado à função de significante e, para que isso aconteça, é necessária uma inscrição do significante sobre o significado, assim, sua estrutura se modifica. “Só então um significante, o falo, pode designar o conjunto dos efeitos de significado” (Rabinovich, 2005, p. 41).

Lacan (1958/1998b) prossegue no texto apontando o falo como fundamental, pois é ele quem inaugura a sexualidade humana enquanto um conjunto de significantes, e isso acontece pelo desaparecimento do falo. O que entra em cena é o significante fálico que passa a ser o significante do gozo ou do desejo, esse movimento está ligado à operação de recalque do que estava latente, no sentido freudiano (Rabinovich, 2005).

A partir dessa leitura, de 1958, do significante fálico, entendemos que Lacan se remete ao falo como índice da falta no Outro; e à castração, eixo da estruturação, ainda como aquela que pode dizer da presença do Nome-do-Pai como significante da falta do Outro. No entanto, com os avanços de seu ensino chegando ao nó borromeano e à pluralidade do Nome-do-Pai, a castração continua como marco na estruturação, mas cada sujeito, a seu modo, encontrará outras formas de suplência da falta do Outro, o que Lacan teorizou como Nomeação e/ou *sinthoma*. Analisaremos esse percurso no decorrer deste capítulo.

Nesse sentido, destacamos aqui um problema desencadeado pela escolha pelo uso de substância. Se o significante fálico designa, nomeia, conforme Lacan aponta, o conjunto de significados do sujeito, a droga cumpre a função desse significante para o sujeito, a de se nomear diante do Outro, separar-se do Outro. Mas, ao mesmo tempo, ela desempenha seu papel através do velamento, a droga vela algo do gozo do sujeito que também faz marca. A questão que se coloca nesse momento é como a relação significante-sujeito-substância pode dar pista do gozo do sujeito?

## **2.2 Uso de Substância: uma Recusa ao Significante Fálico?**

Apresentamos este item com o questionamento “o uso de substância é uma recusa ao significante fálico?”, tendo em vista a vasta literatura afirmando a recusa ao significante fálico provocada pela toxicomania. Não discordamos dessa premissa, mas enfatizamos que o trabalho aqui pretendido não se estende ao que a literatura aponta como toxicomania ou uso e abuso grave de substâncias.

Se retirarmos a letra “c” da palavra “recusa”<sup>6</sup>, teremos uma nova palavra: re-usa. Buscando na língua portuguesa a utilização do prefixo “re”, encontramos-lo como designativo de repetição, reforço e retrocesso. Se o sujeito na adolescência usa e re-usa a substância, ele faz uma escolha; decide-se pelo uso, no entanto, acaba não se decidindo pelo seu gozo, adiando uma saída à angústia que permeia essa fase vivida.

Com o avanço de seu ensino, em *A subversão do sujeito e a dialética do desejo no inconsciente freudiano*, Lacan (1960/1998c) demonstra que o neurótico entende que a castração é o que o Outro demanda dele, portanto a nega, colocando-se imaginariamente contra a castração e suspendendo a possibilidade de desejar. O sujeito faz uma tentativa de mortificação do desejo, tomando a castração pela via do impedimento, negando não a castração em si, mas o que ela possibilita. O que resulta disso são manifestações clínicas que se assemelham à flagelação, sendo o corpo tomado como objeto de gozo.

Lacan (1960/1998c) lembra que um trabalho de análise tem por objetivo alcançar “a castração, isso significa que é preciso que o gozo seja recusado para que possa ser atingido na escala invertida da Lei do desejo” (p. 841). Nesse texto, Lacan está trabalhando com o gozo mortífero; nesse sentido, o desejo só se engendra a partir da lógica fálica.

A essa altura da obra lacaniana, a operação de castração é aquela que incide na regulação do gozo e envolve um sacrifício do falo. De acordo com Lacan (1960/1998c), “não é a Lei em

---

<sup>6</sup> O jogo de palavras utilizado com recusa e re-usa, surgiu através de uma associação livre no momento em que o texto estava sendo escrito.

si que barra o acesso do sujeito ao gozo; ela apenas faz de uma barreira quase natural um sujeito barrado. Pois é o prazer que introduz no gozo seus limites” (p. 836).

Em seu seminário *Homens, Mulheres*, Colette Soler (2020) indica que o falo, presente no dizer dos pais, em Freud, impõe-se traumáticamente a priori, e que Lacan traz uma função do falo no a posteriori com a teoria dos discursos.

Lacan formulou primeiramente que o sujeito se forja no lugar do Outro e que isso começa com os oráculos do dito primeiro Outro, mas é necessário reconhecer a mesma tese quando ele a diz em outros termos, com a noção do dizer que *a priori* faz sujeito e no qual a diferenciação pelo significante fálico está lá. (p. 57)

Como discorremos no capítulo anterior, concordamos com Bezerra (2021), quando argumenta que “a relação com o Outro é a única possibilidade de o sujeito ancorar-se em suas construções para estar no mundo” (p. 119). No entanto, ressaltamos que poderá haver diferenças nessa relação do sujeito com o Outro, a depender da posição em que essa relação se encontra na lógica RSI.

Retomando Freud (1915/1989h), no texto *Os instintos e suas vicissitudes*, observa-se que não há completude ou satisfação plena da pulsão, pois não há objeto predeterminado capaz de produzir essa satisfação, o que há é a singularidade e a multiplicidade de criações humanas. Isto só é possível, pois desde o nascimento, ou até mesmo antes, o bebê humano depende de um ser de linguagem para experienciar as primeiras satisfações de suas necessidades.

Para Bezerra (2021), com a construção da teoria da operação de alienação em Lacan, passamos a falar em desejo e não mais em necessidade. Esse desejo está articulado na estrutura como efeito da relação com o Outro, e é por esse caminho que a repetição do ciclo pulsional acontece, assim, é esculpido pela linguagem no corpo estabelecido na relação do sujeito com o Outro por meio dos registros real, simbólico e imaginário. A partir da teoria freudiana e de seus

desdobramentos no ensino de Lacan, podemos entender que é pela experiência do encontro com o Outro de linguagem que se produzem os primeiros traços que fundam o inconsciente.

Quando Freud (1920/1989i) avança na teoria da pulsão e elabora a pulsão de morte, podemos alcançar o que Lacan descreve como gozo. Nesse momento, Freud entende que, para além das formações do inconsciente que causam prazer, temos as que causam sofrimento. A pulsão de morte está articulada ao caráter excessivo que ultrapassa o prazer, é o prazer na dor, as repetições da cena traumática, a resistência ao tratamento, e é isso que Lacan conceituará como gozo. Isso significa que o sujeito não é tomado apenas pelo que causa apaziguamento e bem-estar, porquanto a satisfação também inclui desprazer e excesso (Bezerra, 2021).

Em *O aturdido* (1972/1998e), Lacan se refere à função fálica argumentando que o Nome-do-Pai, em todo ser falante, atua de forma a colocar limite, num depois, à função fálica. Soler (2020) aponta que é isso que ele chama de sexuação, e pontua que a sexuação opera em relação à função fálica para todo sujeito. No ensino lacaniano, a função fálica é construída em dois tempos: primeiramente como significação da falta ( $-\phi$ , menos phi), como visto no primeiro tópico deste capítulo, sendo esta do registro imaginário; depois, a partir de *A subversão do sujeito e a dialética do desejo no inconsciente freudiano*, como significante do gozo ( $\Phi$ , phi maiúsculo).

Nesse avanço, Lacan argumenta que sempre há um resto não eliminável de gozo, o qual ele chama de gozo fálico, portanto não é todo gozo que é negativado pela linguagem. De acordo com Soler (2020), Lacan explicita o gozo fálico dizendo que  $\Phi$  se distingue pela única função significante em referência ao falo. Assim, para Soler (2020),

o gozo chamado fálico é o não negatível, o que resta do gozo depois da negatificação linguageira, mas que permanece determinado pela linguagem. ... Ele é representado como gozo do poder e, com efeito, ele está em toda parte, ele sustenta todas as atividades humanas. Mas, ao mesmo tempo, é ele que é dito castrado, que faz “função de sujeito”,

porque ele inclui a falta de gozar no próprio gozo por seu caráter descontínuo, tão descontínuo quanto os significantes. Por isso, tudo que se inscreve na função fálica, ... cai sob o golpe de uma castração. Donde, aliás, o comando do SUPEREU, que impõe “ainda um esforço” – como Sade formulava – e que diz, portanto, “goza” – segundo Lacan – justamente porque é impossível a quem fala como tal. (pp. 60-61)

Retomando o argumento de Lacan (1972-73/2008), ao abordar a questão do gozo fálico e do supereu, tem-se que

o gozo fálico é o obstáculo pelo qual o homem não chega, eu diria, a gozar do corpo da mulher, precisamente porque o de que ele goza é o gozo do órgão. É por isso que o superego [supereu], tal como apontei há pouco como *Goza!*, é correlato da castração, que é o signo com que se paramenta a confissão de que o gozo do Outro, do corpo do Outro, só se promove pela infinitude. (p. 14)

Nessa citação lacaniana, podemos observar a importância do supereu como correlato à castração e que, como instância ligada ao Eu, é a única que obriga o sujeito a gozar. O supereu é o imperativo do gozo. Guardemos essa afirmação de Lacan para pensarmos o uso de substância pelo sujeito.

Com a teoria dos discursos, o gozo ganha um lugar central na psicanálise lacaniana. No *Seminário livro 17*, Lacan (1969-70) se refere à repetição como um retorno de gozo e reitera que nessa repetição há um “desperdício de gozo”. A repetição, portanto, produz tanto uma perda de gozo quanto inclui um complemento dessa perda. É através de um paralelo com o conceito marxista de mais-valia que Lacan aborda esse suplemento de gozo como resto da operação significante, e propõe o conceito de mais-de-gozar, que delimita o resto desse gozo, configurando-o como objeto a, causa de desejo.

Lacan localiza os três registros, desde *os Seminários 16 e 17*, em relação de igualdade, e são eles que possibilitam pensar a relação entre saber e gozo. “O discurso é o próprio aparelho

de gozo, seja como mortificação, perda de gozo significantizada (e não mais natural), seja como suplemento da perda de gozo (mais-de-gozar), escrita como objeto a” (Bezerra, 2021, p. 122). É a partir do saber, operado no discurso, que o sujeito inaugura o gozo em sua dupla dimensão: como perda e como mais-de-gozar. Sendo o gozo efeito de discurso, o ser falante o experimenta no corpo; tentar comandá-lo é da ordem do impossível. O mais-de-gozar é resultante desse impossível de tentar comandar o gozo localizado no corpo.

Bezerra (2021) lembra que a visão inicial sobre o falo como significante responsável por toda a significação possível não mudará no ensino lacaniano, no entanto, com a construção da teoria dos discursos como forma de cernir o gozo, a escrita da sexuação sofre uma mudança.

No que se refere a isso, Lacan, no *Seminário livro 20* de 1972-73, propõe que o sujeito descobre a não existência da relação sexual. A partir desse momento, o discurso analítico trabalha com a premissa de que não há relação sexual, não há a complementaridade entre os sexos. Lacan conclui, em seu ensino, que na lógica do inconsciente não há dois sexos, mas Um e Outro. O ser falante se estrutura nesse vazio de não saber sobre o sexo. Esse impossível de saber advém do real. Ao formular a tábua da sexuação, Lacan a divide em dois lados: o feminino e o masculino, e a única referência em comum entre eles é o falo. Do lado masculino, na tábua da sexuação, visualiza-se o gozo fálico; e do lado feminino, o gozo feminino (Bezerra, 2021).

Ao elaborar a tábua da sexuação e colocar a função do falo do lado masculino, Lacan (1972-73/2008) mostra que o lado feminino se dirige a este significante, enquanto o masculino se dirige ao objeto a. O autor frisa que o falo continua tendo sua função de fazer obstáculo à relação sexual, porque é ele quem atesta a castração e a não complementaridade entre os sexos.

Entendemos que a adolescência é o momento em que o sujeito busca uma primeira solução para a inexistência da relação sexual e para a descoberta de que o Outro também é atravessado pela falta. O adolescente não apresenta já uma saída a essa problemática, mas precisa criá-la, ainda que seja parcial e velada. Todavia, compreendendo que um trabalho de

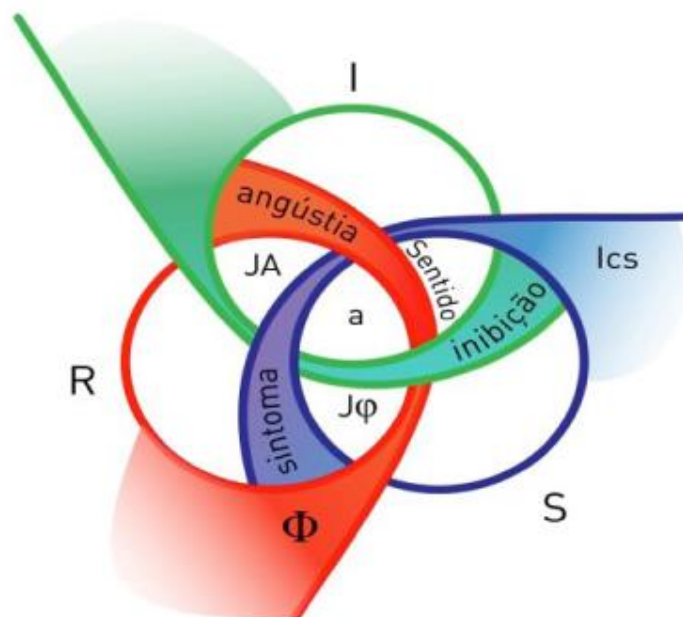


dissertação implica um recorte teórico, abordaremos a importante questão da tábua da sexuação em um momento futuro de continuação da pesquisa.

O que articula toda a lógica do inconsciente, como própria do ser falante, é o gozo. O inconsciente também é corpo e pulsão também é linguagem. No avançar do ensino lacaniano, a tábua da sexuação é substituída pela lógica da ex-sistência. Os registros real, simbólico e imaginário se relacionam, cada um, a um modo de gozo que, por sua vez, exclui um suplemento de gozo que resta do trançamento dos três registros, desatando o nó.

Como trabalhado no primeiro capítulo, Lacan propõe uma amarração que produzirá o efeito *sinthoma*, uma costura entre imaginário e saber inconsciente, atando o simbólico e o real. O resultado dessa relação que amarra a realidade psíquica entre os registros RSI e o quarto elo, distribui o Gozo em três formas inscritas enquanto ex-sistência nos pontos de intersecção dos registros (Bezerra, 2021).

**Figura 12** - Nó borromeano demonstrando os modos de gozo



Fonte: Capanema & Vorcaro, 2017, p. 395.

JA: gozo do Outro – entre R e I; que excede o simbólico

Sentido: gozo do sentido – entre I e S; que excede o real

J  $\phi$ : gozo fálico – entre S e R; que excede o imaginário

Para Bezerra (2021),

é o ponto em que um registro *fura* o outro, criando uma espécie de argola, que o gozo se inscreve. Em vez de visualizar uma interseção das argolas, ocorre uma *ex-sistência* de um espaço entre dois registros. *Ex-sistência* é o efeito que um registro, furando o outro, provoca ao criar um espaço ao mesmo tempo fora e interno ao primeiro (p. 127, grifo da autora).

Se em 1958 Lacan argumenta que a estruturação psíquica é a forma como o sujeito confronta a instância simbólica de um mítico pai morto, a castração, nesse momento, é o “eixo da estruturação como modo de atestar, ou não, a presença do Nome-do-pai como significante da falta no Outro”. Após desenvolver a teoria do nó borromeano, Lacan mantém a castração como eixo da estruturação, mas então atesta que cada sujeito vai encontrar, a seu modo, “uma estabilização estrutural para além do Nome-do-Pai ou pluralizando os Nomes-do-Pai” (Bezerra, 2021, p. 112).

Nesse contexto, Lacan continua se remetendo ao falo como índice da falta no Outro, mas agora esse índice, como visto na retrançagem adolescente, pode ser ocupado por outras formas de sustentação ou suplência da falta no Outro. É o que Lacan vai chamar de Nomeação e/ou *sinthoma*. A ideia inicial que tínhamos de Nome-do-Pai perde sua potência simbólica ordenadora, cedendo lugar à pluralidade de soluções que recorrem a diferentes artifícios.

Essa pluralização do Nome-do-Pai, demonstrada no nó borromeano, permite entendermos que o que sustenta uma estrutura é a invenção, para além de uma operação metafórica (fálica), que resulta em uma nodulação operada de forma singular. O falo e o Nome-do-Pai não estão mais no lugar de serem os únicos operadores para fazer suplência à falta no Outro.

### 2.3 Do Gozo Fálico ao Supereu

Na *Jornada de Cartéis* (1975/1976), 15 anos depois do texto *A significação do falo*, Lacan desloca o falo da função inicial, como aquele que indica uma falta no Outro, para situá-lo como o significante de um dos modos como o sujeito goza.

Lacan, nessa conferência, trabalha a relação entre a angústia e a descoberta do “pequeno-pipi”, demonstrando o casamento da criança com o pequeno-pipi. Ele indica que o uso de substância cumpre a função de romper com esse casamento. Nas palavras de Lacan (1975/1976):

A angústia é muito precisamente localizada em um ponto na evolução destes pequenos humanos. Este é o momento em que um menino ou uma menina percebe o quê Percebe que ele se casou com seu pinto ... . Tudo o que permita escapar desse casamento é, obviamente, bem-vindo, daí o sucesso da droga, por exemplo; não há outra definição da droga que esta: é o que permite a ruptura do casamento com o pequeno-pipi. (p. 268)

Segundo Bezerra (2021), na operação de castração simbólica, a criança é interdita da relação incestuosa, e seu pequeno-pipi, o falo imaginário, funciona como meio de separar o corpo-órgão do gozo operado como significante fálico. Lacan, na conferência citada, afirma que quando a criança se depara com a ameaça de castração, ela começa a viver uma perturbação e qualquer coisa que suspenda essa perturbação e rompa o casamento com o pequeno-pipi é bem-vinda. Na obra lacaniana, a droga faz função, por sinal, brilhantemente, de romper o casamento com o pequeno-pipi.

A condição de estruturação imposta pela castração busca um modo de estabilização, sendo o recalque um deles. Todavia, o recalque não dá conta de tudo, sobrando um resto que produz sintoma. “Quanto à impossibilidade da estrutura em extinguir a angústia por completo

ou quanto a função não-toda do simbólico, ao sujeito é necessário inventar algum artifício, bem ou malsucedido, para lidar com isso” (Bezerra, 2021, p. 125).

A mesma autora aponta que podemos destacar duas consequências da castração, a regulação do gozo – gozo fálico, na obra lacaniana –, e a produção de angústia, posto que o pequeno-pipi grudado no corpo age como se fosse autônomo. Entendemos assim que a droga é um instrumento que o sujeito usa para amenizar os efeitos da castração.

Cada ser falante vai inventar sua forma de fazer suplência à falta no Outro. O falo confere possibilidade de um dos modos de gozo, o gozo fálico; sendo assim, o sujeito pode ter diferentes formas de gozo que não só referenciado ao falo. É com esses elementos que Lacan, na *Jornada de Cartéis* (1975/1976), refere-se à função da droga.

De acordo com Bezerra (2021), ao discorrer sobre isso, Lacan se aproxima do trabalho que Freud fez em *Luto e melancolia* (1915/1989g). Nesse trabalho, Freud aponta que há uma suspensão do recalque na embriaguez alcoólica, assim como na mania.

Segundo Freud (1915/1989g),

a embriaguez alcoólica, que pertence à mesma classe de estados, pode (na medida em que é de exaltação) ser explicada da mesma maneira; aqui, provavelmente, ocorre uma suspensão, produzida por toxinas, de dispêndios de energia na repressão. A opinião popular gosta de presumir que uma pessoa num estado maníaco desse tipo se deleita no movimento e na ação porque ela é muito ‘alegre’. Naturalmente, essa falsa conexão deve ser corrigida. (p. 259)

Freud postula, nesse momento, que o álcool suspenderia a conjunção entre consciência moral e ideal do eu, proporcionando assim uma desinibição de energias antes reprimidas. Essa noção coaduna-se com a ruptura do casamento com o pequeno-pipi. Para Bezerra e Darriba (2020), “se a suspensão é eficaz para lidar com a angústia, o rompimento da mediação simbólica, contudo, é pontual e não definitivo” (p. 206). O mal-estar resultante da castração

estrutural do sujeito permanece por toda a vida do ser falante e faz parte do que Freud postula, em *Mal-estar na civilização*, como *pacto civilizatório*, essa suspensão não se aproxima da compulsão por algum objeto.

Conforme apresentado, Lacan (1975/76) pontua que o sujeito usa a droga com o intuito de romper com o pequeno-pipi. Entendendo como mortífero o movimento de drogar-se, este causa um nonsense, capturando o ser falante como se ele não buscasse isso. Já em 1958, Lacan argumenta que o complexo de castração está relacionado à estruturação dos sintomas analisáveis em um sujeito e à valoração das coisas. Ele diz, com isso, que o modo como o falo opera está relacionado diretamente à estruturação do sujeito e aponta que a função fálica é referência central a toda significação possível.

Frisamos que, quando Lacan se refere à droga como um instrumento que desfaz o casamento com o pequeno-pipi, ele está se referindo ao fato de que quando a criança se casa com o pequeno-pipi, com aquilo que pode fazer as vezes do falo, ela experimenta angústia. O que possibilita esse modo de relação com os objetos e com o gozo do órgão é o gozo fálico. No entanto, é também o gozo fálico que obstaculiza a complementaridade entre os sexos, e a superação desse embaraço é permeada por angústia. Resta, ao ser falante, lidar com essa angústia que comparece como falta. Nesse sentido, Lacan afirma que qualquer coisa, incluindo o uso de substância, que possa apaziguar essa angústia é bem-vinda (Bezerra, 2021).

Como visto no primeiro capítulo deste trabalho, o adolescente experimenta angústia na experiência da lógica fálica, pois precisa lidar com a descoberta da falta do Outro e com o real da sexualidade, além da idealização social deste momento da vida. Por conseguinte, buscamos compreender quais as formas encontradas por ele para amenizar essa angústia e quais as possibilidades de manejo desse mal-estar.

Retomando o conceito de supereu em Freud, destaca-se que o supereu tem um funcionamento sem sentido, sendo essa instância um apoio à consciência moral, mas

trabalhando numa perspectiva de quanto mais se dá, mais se cobra. É por essa instância que Freud trabalha a resolução de problemas como a resistência, o sentimento de culpa inconsciente e a reação terapêutica negativa. O supereu é pensado na incidência da pulsão de morte sobre o Eu (Freud, 1930/1989k).

Nesse mesmo texto, encontramos a relação que Freud faz entre os estados maníacos e o uso de substâncias:

É possível que haja substâncias na química de nossos próprios corpos que apresentem efeitos semelhante pois conhecemos pelo menos um estado patológico, a mania, na qual uma condição semelhante à intoxicação surge sem administração de qualquer droga intoxicante. ... sabe-se que, com o auxílio desse ‘amortecedor de preocupações’, é possível, em qualquer ocasião, afastar-se da pressão da realidade e encontrar refúgio num mundo próprio, com melhores condições de sensibilidade. (Freud, 1930/1989k, p. 86)

Bezerra (2021) sugere que os estados maníacos são antes de tudo uma resposta do sujeito ao imperativo sem limites do supereu, essa instância pode continuar a atuar mesmo em estado de exaustão. A partir dessa premissa, entendemos que Freud, ao comparar os estados maníacos ao uso de substâncias químicas, aponta que esse fenômeno clínico não triunfa sobre o supereu, “mas sim atualiza a subjugação à instância superegoica” (p. 132).

No entanto, essa proposição só é possível pelo entendimento de Lacan sobre o supereu, enquanto uma instância sem limites, que se contrapõe ao gozo fálico e chicoteia o sujeito. O que Bezerra (2021) elucida é que a ruptura do gozo fálico operada pela droga é a mesma do mecanismo de compulsão ao consumo de qualquer tipo de objeto, seja ele a droga, gadgets, sexo, jogos, etc. A hipótese que a autora sustenta é de que

a suspensão do Gozo Fálico, antes de ser função da droga, é função do Supereu.

Portanto, o uso da droga como ruptura contingencial e parte do pacto civilizatório faz

parte do manejo do mal-estar e do embaraço, maior ou menor, que é consequência da castração. Essa ruptura contingencial não seria, por si só, problemática ou compulsiva. (p. 132)

Nossa percepção vai ao encontro a essa premissa, pois na escuta clínica de adolescentes o que se verifica é um uso de substância conectado à sujeição do sujeito ao imperativo de gozo, sendo essa uma função realizada pelo supereu.

Nossa hipótese, a partir do que trazem os sujeitos que escutamos, é a de que, em muitos casos, aquilo que se apresenta aparentemente como compulsão por substâncias psicoativas nada mais é do que a repetição incessante, positiva e inquestionada em direção ao fracasso/flagelação, que já se fazia presente no *modus operandi* do sujeito antes mesmo de qualquer uso de substâncias psicoativas. (Bezerra, 2021, p. 132)

Na clínica com adolescentes, esse fenômeno não é específico do uso de drogas, ele pode vir atrelado à incidência de outras queixas como de automutilação, anorexia, etc.

No ensino lacaniano, compreendemos que a castração é a lei que gere o gozo fálico, e o supereu é a instância que promove a infinitude do gozo fora da castração, ou seja, essa ordem do supereu é impossível de ser satisfeita. Enquanto o falo regula o gozo, o supereu é o imperativo do gozo. Nesse sentido, Bezerra (2021) sustenta que falo e supereu são antagônicos, antitéticos.

O que Lacan propõe em sua clínica é que o ato analítico busque levar o sujeito a se apropriar de seu desejo. Mas, ao sujeito, cabe inventar saídas éticas possíveis diante de suas questões, diferentes daquelas que já o levam à inibição, ao sintoma, à angústia e, até mesmo, à submissão ao supereu.

### Capítulo 3 – Adolescência e Uso de Substância

A adolescência, tempo esse da vida em que experimentamos nosso corpo como sendo sexuado, é um tempo de cortes e de intensidades. Testamos com unhas e dentes nosso corpo como um espaço de solidão. Não é nada raro que um adolescente faça uma tatuagem escondido, por exemplo, ainda que os pais não se oponham. Se na infância a criança testa se os pais leem seus pensamentos, na adolescência o sujeito novamente fará uma reivindicação ao olhar dos pais, ao mesmo tempo que o rejeitará. “Imaturo de um lado, muito maduro de outro”, escutamos os pais dizerem de seus filhos adolescentes.

É também nessa época da vida que costumamos viver nossas maiores dores de amor e desamor, ainda que depois, nos separando dessas experiências, tenhamos a tendência de menosprezar a violência com a qual somos invadidos por esses afetos.

Na adolescência revivemos nossa passagem pelo complexo de Édipo. A história de amor e paixão que uma criança vive com seus pais, a experiência de ficar de fora da relação que compõe um casal sexual, as dores de ficar de fora, para só então encontrar com um alívio por isso – é tudo isso que o adolescente revive, tanto no campo das amizades quanto no campo das parcerias sexuais propriamente ditas. Assim, talvez possamos dizer que na adolescência temos uma propensão maior a nos apaixonarmos e uma menor a amar, o que leva muitos adultos a destituírem os relacionamentos adolescentes, inclusive profetizando aos adolescentes que eles viverão muitos outros amores além daqueles pelos quais estão sofrendo.

–Ana Suy, A gente mira no **amor** e acerta na **solidão**



Que o uso de substância, seja ela lícita ou ilícita, está presente na vida dos jovens, não podemos negar. O objetivo desta pesquisa, no entanto, circunscreve-se a investigar qual função esse uso opera no impasse do sujeito na adolescência em sua singularidade.

De acordo com Gurfinkel (1993), ao viver a adolescência o sujeito se depara com o sentimento de “ser eu” bastante abalado, há um corpo psíquico e orgânico em transformação. O adolescente se encontra em um momento de pura angústia e precisa buscar soluções para lidar com esse sentimento. O mesmo autor afirma que o uso de substância é uma tentativa de dar conta desse corpo que é visto como fragmentado, contudo, essa solução se revela precária.

Rassial (1999) acredita que o adolescente, ao se drogar, busca um efeito de invenção dentro de sua rotina, mas se frustra ao constatar que essa procura não resulta no que ele esperava. Nas palavras do mesmo autor, a droga, nessa temporalidade do sujeito, tem caráter lúdico e sublimatório da socialização no que se refere à arte, à religião e aos processos intelectuais. As justificativas encontradas para o uso de substâncias contornam o aumento da criatividade, a referência a um ritual sagrado e a um aumento da capacidade intelectual. Estas são características valorizadas socialmente, e as drogas entram como um apoio real às aptidões do imaginário. Essa sublimação, porém, tende mais a uma imitação, assim como as brincadeiras infantis, poupando o jovem do intenso trabalho de representação do que se está vivendo.

Rassial (1999) acrescenta que, ao usar uma substância, o jovem também busca uma transformação espaço-temporal desse momento que vive, resultando assim, em um outro modo de se colocar no mundo. Porém o que se tem nesse tempo da adolescência é um atravessamento, em que o sujeito se encontra com o real do corpo, sendo, portanto, necessário um processo simbólico para lidar com o Nome-do-Pai, mesmo que seja sustentado imaginariamente.

Como vimos no primeiro capítulo, o adolescente se depara com a queda de tudo o que era consistente em sua vida, vive obscuridades, impasses e enigmas que reconvocam o sujeito ao trabalho de enodar RSI. Espera-se que ele busque, através de uma invenção, construir saídas

simbólicas para sua problemática. No entanto, no tempo da adolescência, pode acontecer de o jovem, antes de fazer um sintoma, imaginarizar o real, na tentativa de tamponá-lo.

De acordo com Alberti (1998), quando o sujeito se depara com a castração e com o real, resta algo que não é possível de se dizer, impossível de simbolizar. Atribuir uma significação a essa angústia do que não foi dito, permite ao “sujeito velar de alguma forma o horror do encontro com o real que o reduziria a mero objeto da impossibilidade” (p. 130).

Ao não conseguir atribuir uma significação à sua angústia, o jovem pode vir a contestar o significante fálico, que é o significante que sustenta e orienta o sujeito no mundo, para além da genitalidade, pois limita o saber, mas isso não significa, necessariamente, uma recusa a este significante. Rassial (1999) reitera que “a adolescência é a idade das experiências, no sentido forte: tentar, experimentalmente, reconstruir um mundo cuja lógica é posta em causa. Mas é verdade que algumas experiências são mais perigosas do que outras” (p. 97).

Rassial (1999) comenta que inicialmente o uso de substância se dá em grupos, a partir de uma expectativa que o indivíduo tem de integrá-los, mas lembra que esse momento com a droga pode vir a ser solitário, tornando-se uma toxicomania, de modo que resulte em uma “regressão em direção a um investimento narcísico e a um desinvestimento objetal” (p. 97).

Assim, segundo o mesmo autor, é no momento da adolescência, quando o sujeito se percebe tomado por pura angústia, que geralmente acontece a primeira experiência com a droga. Esse ensaio se assemelha ao que Rassial identifica como patologia “normal”. Essa experiência tem a pretensa intenção de complementar a falta, de colocar um véu sobre esta. A droga, na adolescência, pode vir a fazer a função de significante que circunscreve os ritos do grupo, vocabulário, gírias, funcionando então como algo que autoriza o laço social.

No entanto, Rassial (1999) lembra que, se o uso de substância se configurar em uma toxicomania, o objeto droga passa a dar sentido à falta-a-ser do sujeito. Há uma distância entre

o uso de drogas que sustenta a existência do sujeito enquanto sexuado e o objeto que recobre a falta. É uma distância que atormenta a qualquer um, e principalmente a um adolescente.

Por esta razão, o autor comenta:

Com efeito, o que é proposto como sucesso genital é a adequação, que parece ser sempre relativa e frágil, entre este significante e este objeto. Assim se conciliarão o amor e o desejo, o gozo e o prazer, a felicidade e as satisfações repetitivas; enquanto que a experiência mostra, na adolescência, o conflito destes dois termos, disto que nos faz falar e disto que nos faz desejar. A dificuldade principal com o toxicômano não é que ele ignore, mas sim que ele saiba desta distância, e a tenha resolvido sob um modo catastrófico, a droga tornando-se ao mesmo tempo significante-mestre e objeto primordial. (Rassial, 1999, p. 98)

Há, contudo, uma outra função para o uso de substância na adolescência, de acordo com Alberti (1998). Diferentemente de outras fases da vida, a droga na adolescência pode fazer laço social. A substância é usada de modo que o jovem se identifique com grupos sociais, separando-se do Outro parental. O que acontece, entretanto, é uma nova alienação. Para a autora, as operações de alienação e separação são possíveis pelo laço social, e o sujeito transita entre alienação e separação até se encontrar na interseção das operações.

Dito isto, trataremos nos próximos tópicos cenas que possam vir a elucidar a forma como o uso de substância atua na vida do adolescente e como essa experiência pode ser uma tentativa de amenizar o mal-estar vivido.

### **3.1 Um Recorte do Impasse Adolescente na Clínica**

O frequente uso de substâncias na adolescência reverberou uma curiosidade que mobilizou a escrita deste trabalho, pois é algo que se apresenta na escuta clínica de adolescentes cotidianamente. Supomos que a escolha que eles fazem, ao usar uma substância, é uma tentativa

de encontrar uma possível saída a seus impasses, consoante à proposição lacaniana de que o sujeito precisará, a partir de uma invenção, construir uma saída, seja ela simbólica, imaginária ou real, para amarrar os registros RSI, sem a primazia de um sobre o outro. É válido ressaltar que na adolescência o sujeito ainda não define seu *sinthoma*.

Para nos ajudar a elucidar o tema, apresentaremos fragmentos de um caso clínico com a pretensão de construir um argumento que dialogue com o percurso teórico traçado até aqui. Não temos a intenção de circunscrever um caso clínico com todas as variantes do tratamento, nosso objetivo é resgatar recortes que possam nos dar pistas sobre a escolha adolescente pelo uso de substância.

Ao propormos recuperar cenas específicas de um atendimento clínico, retomamos Freud (1912/1989e), em *Recomendações aos médicos que exercem a psicanálise*, para nos ajudar metodologicamente a pensar por essa via. O autor propõe que, ao estudar um caso clínico cientificamente, o ideal é que isso aconteça após a dissolução de seus encontros. Sabendo que tratamento e pesquisa coincidem, devemos nos ater aos limites dessa pesquisa enquanto o caso estiver em curso. Freud (1912/1989e) adverte que

a conduta correta para um analista reside em oscilar, de acordo com a necessidade, de uma atitude mental para outra, em evitar especulação ou meditação sobre os casos, enquanto eles estão em análise, e somente submeter o material obtido a um processo sintético de pensamento após a análise ter sido concluída. (p. 128)

Ainda nesse mesmo trabalho, Freud enfatiza que há um perigo em o analista querer generalizar ou comprovar, a partir de um método, determinados conceitos teóricos para que se produzam efeitos convincentes sobre o tratamento. Em vista disso, não queremos aqui apontar o efeito e as consequências do uso de substância na universalidade, e sim buscar o que é singular do sujeito no recorte apresentado, estabelecido na transferência analisante-analista, efeito da escuta flutuante e da associação livre, regras fundamentais da psicanálise.

De acordo com Dunker e Zanetti (2017), em psicanálise entendemos o tratamento enquanto uma pesquisa do inconsciente, nesse sentido tratamento e pesquisa coincidem. Um ponto que os autores destacam se refere à escrita do caso clínico como tendo uma função interessante: separar o analista do analisante e encerrar definitivamente o processo de análise do caso por parte do psicanalista.

Traremos reflexões acerca de pequenas cenas clínicas que aconteceram em diferentes momentos, prezando pelo sigilo da identidade do adolescente, o qual chamaremos de Antônio. Frisamos que todos os dados que venham a aparecer nos recortes são fictícios e salientamos que esses fragmentos se referem a um caso que já não se encontra mais em tratamento, mas que ainda repercute na analista.

Aos 16 anos, Antônio pede para que a mãe agende um horário com uma psicóloga por ele não conseguir lidar com sua angústia nas relações que vive, principalmente no que se refere ao seu fracasso diante do imaginário social depositado nele pela família, o de ser um aluno exemplar. De acordo com o adolescente, ele já não aguentava sentir tudo sozinho; em suas palavras, a mãe é “uma burra, não entende nada do que eu falo”, mas ao mesmo tempo é a ela que ele pede ajuda ao querer agendar o atendimento com a psicóloga.

Há uma repetição dessa qualificação “burra” que ele dá à mãe, sempre em momentos que o jovem lhe pede algo (mudar de escola, agendar uma consulta, etc.) e ela não responde como ele espera. Percebe-se que existe uma dificuldade de Antônio em assumir suas escolhas e se responsabilizar por seus desejos e consequências, com isso, ele projeta na mãe sua própria falha, chamando-a de burra.

Em concordância com a teoria da constituição do sujeito, quando Antônio se depara com esse lugar entre a alienação e a separação, ele se angustia. Ao mesmo tempo que ele pede para que a mãe faça algo, ele se confronta com o fato de que a mãe não consegue fazer da forma como ele esperava e a qualifica como burra, sentindo-se sozinho. Para Lacan (1964), na

alienação o sujeito precisa primeiro ser dito por alguém, e na separação acontece o encontro do sujeito com o ponto fraco desse Outro, a falta. Vorcaro (1999) acrescenta que é no intervalo entre a alienação e a separação que o sujeito se constitui. Desse modo, ao se sentir desamparado e se deparar com a falta da mãe – consequentemente com a própria falta –, Antônio não consegue lidar com sua angústia e caracteriza a mãe como burra, como aquela que nada sabe. Alberti (1998) sustenta o que Freud conclui em sua obra: o sujeito é dividido, ele jamais se encontra onde pensa e muito menos onde é. O sujeito está no entre a alienação e separação, mas, até se identificar com isso que cai da alienação e separação, que é angustiante, ele vagueia entre uma e outra.

No entanto, buscando solucionar essa trama vivida na relação com a mãe, Antônio relata fazer uso de maconha nas ocasiões em que se dirige a essa como burra. Nesses momentos, ele se retira da presença de sua mãe, entra para seu quarto e fuma seu cigarro. Ele diz: “no meu quarto, fumando, posso ser eu mesmo”. O jovem tem a sensação de que, com o uso de substância, ele consegue lidar com esse corpo em transformação. Ao ser questionado sobre essa escolha, o jovem enfatiza que prefere não conversar com a mãe, pois ela não entende nada do que ele fala.

Ao escolher a maconha, Antônio decide não se relacionar com a mãe e não enfrentar os questionamentos sobre seu próprio ser, consequentemente não se posiciona frente a seu desejo. Ao se deparar com a falta do Outro, a falta da mãe, ele se angustia, retira-se da relação para fumar a maconha, encobrindo assim a falta. O jovem projeta na mãe sua dificuldade em lidar com seu próprio desejo, “ela é burra”, e então decide não responder. Antônio busca fazer suplência à falta no Outro através do uso de substância, o que possibilita o apaziguamento de sua angústia.

A partir do que buscamos elucidar teoricamente, a adolescência é o tempo em que o sujeito precisa buscar formas simbólicas para lidar com o real, com a falta do Outro e com a

própria falta. No entanto, aparentemente, o que Antônio faz com o uso de substância é responder imaginariamente à sua angústia, tamponando a falta do Outro e sua própria falta.

Apostamos, junto com Lacan (1958/1998b), que o sintoma se relaciona intimamente com o falo, afinal é este que regula o desenvolvimento e permite a constituição do sujeito. Porém, ao se deparar com o uso da maconha, Antônio encontra uma maneira, mesmo que temporária, de regular a angústia vivida, ainda que imaginariamente, pois até aquele momento não fora possível, para ele, fazer sintoma.

Podemos concluir que, na travessia adolescente, o sujeito é convocado a responder de algum lugar ante o real que tende a ser avassalador. Por este recorte clínico, percebemos que, ao ser intimado, Antônio imaginariza uma saída pela droga. Diante do encontro com seu desejo, com a falta do Outro e com sua própria falta, ele não busca uma saída simbólica – não barra o Outro, não se nomeia para o Outro –, mas escolhe tamponar a falta e continuar pela via do imaginário.

### **3.2 Um Recorte do Impasse Adolescente no Cinema**

Outra possibilidade para procurar compreender e traduzir em palavras o referencial teórico exposto neste trabalho parte da experiência cinematográfica referente a recortes do seriado *Euphoria*, criado por Sam Levinson em 2019. Por meio desta série, procuraremos fazer uma relação entre o sujeito na adolescência e o uso de substância, através das experiências vividas pela personagem principal Rue Bennett. É importante marcar que não iremos psicanalisar a personagem e/ou o seriado, uma vez que não há *setting* analítico, não há transferência e também não há associação livre. Utilizaremos esse fragmento a fim de ilustrar os conceitos trabalhados nesta dissertação.

A ideia de trazer recortes do cinema foi inspirada por uma passagem do livro *Análise Psicanalítica de Discursos: perspectivas lacanianas* de Dunker, Paulon e Milán-Ramos (2016),

em que os autores comentam que psicanálise e cinema se assemelham ao que se refere a análise de discurso, na linguagem semiológica e na fantasia, cumprindo as duas áreas a função de alívio do sofrimento do sujeito.

O seriado em questão retrata a vida de adolescentes que estão no ensino médio e passam por estranhamentos e angústias em suas vidas. O início da trama envolve a protagonista Rue saindo de uma clínica de reabilitação após ter tido uma overdose em sua casa. Ao sair da clínica, a jovem revela não ter nenhuma pretensão de ficar “limpa”, mas quando passa a se relacionar com outra personagem, Jules, ela interrompe o uso, embora temporariamente.

Ainda quando criança, os pais de Rue a levaram a muitos profissionais por entenderem que a filha era disfuncional em comparação a outras crianças, porque não conseguia prestar atenção no que os pais e os professores diziam, tinha crises de raiva e de choro. Uma das cenas mais marcantes no primeiro episódio se dá quando um profissional diz para os pais de Rue que havia realizado uma hipótese diagnóstica da jovem, proferindo que ela tinha uma deficiência cognitiva, Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) e também era bipolar, uma mistura de tudo isso. A partir desse diagnóstico, a médica prescreve algumas medicações para Rue, as quais a mãe irá administrar.

Outra cena que chama a atenção nesse episódio se refere ao momento em que Rue é questionada acerca do motivo pelo qual se droga. A personagem se recorda de um fato que aconteceu quando era mais nova, quando foi levada pelos pais ao pronto socorro devido a uma crise de pânico, a jovem diz: “foi quando usei Valium e pela primeira vez me senti um ser humano”. De acordo com Melman (1992), é plenamente aceitável ouvir de uma pessoa que ela usa substância para se sentir normal e pertencente ao mundo. Ao se drogar, o ser falante busca se sentir funcional, pois sem a droga, ele se sente tomado por afetos e sentimentos de inadequação.



Recordo-me, nesse momento, de uma paciente, aos 19 anos, contando-me sobre sua primeira ida a uma consulta psiquiátrica, saindo de lá com uma receita de Rivotril e Sertralina. Na primeira sessão após o início do uso dessas substâncias, a jovem começa sua fala dizendo: “estou incrivelmente muito bem”. O que causa muita surpresa, tanto na analista quanto na analisante, já que há muito tempo ela vinha se queixando do quanto a vida estava sendo difícil e sempre iniciava sua sessão dizendo “não estou muito bem” ou “é, estou seguindo”. Quando é solicitado que ela fale mais sobre o “estou incrivelmente muito bem”, a paciente diz que nunca havia se sentido tão “plena”, vendo seus problemas menores do que ela imaginava, sentindo-se pertencente ao seu grupo de amigos, conseguiu sair com eles no final de semana e não sentiu vontade de ir embora, o que não acontecia há muito tempo. Essa vinheta ilustra a ideia de Melman, pois, ao usar as medicações prescritas pelo psiquiatra, a jovem se sentiu “normal” e com um senso de pertencimento a seu grupo de amigos. Ela recebe um diagnóstico de Transtorno de Ansiedade Generalizada (TAG) e se sustenta a partir do uso de medicamentos, em consequência do diagnóstico.

No entanto, percebemos, no seriado, que Rue mantém o uso de substância, não para se sustentar, mas, sim, para *ser* a partir da droga. No decorrer dos episódios, é possível observar que Rue é uma personagem triste, e ao fazer uso de substância ela é tomada por um sentimento de coragem e se torna mais sociável. Essa é uma estrutura que se repete inúmeras vezes durante a série. Entretanto, o que difere a situação da personagem de *Euphoria* da vinheta anterior é que, para circular no mundo, Rue veste a identidade de drogada, ela se torna alguém pela droga, sem a substância a jovem fica perdida. Durante os primeiros episódios do seriado, fica claro que a jovem não gosta de quem ela é sem a substância. Ela diz “sem a droga eu fico intolerável”, ela mesma não se tolera.

De acordo com Rassial (1999), o adolescente encontra possibilidade de fazer laço social a partir da experiência com a droga. Fizemos uma interpretação que, ao se vestir com a

identidade de drogada, Rue encontra uma saída simbólica para sua angústia.<sup>7</sup> Sem a droga, ela vive pura angústia; com a droga, ela pode atender ao imaginário sociocultural à sua maneira. Somente pelo uso de substância é possível, para a protagonista, existir de modo que ela possa ser diferente daquilo que entende que o outro espera dela. Lacan, em 1958, diz que o falo tem a função de nomear o sujeito, ao passo que, quando a personagem se nomeia pela droga, ela resolve sua questão com a demanda do Outro.

Outro momento marcante com a personagem diz respeito à morte de seu pai, que estava acamado e a quem Rue ajudava no uso de medicação para amenizar as dores. A jovem passava muito tempo deitada ao lado dele, e, por vezes, ao administrar a medicação ao pai, ela a experimentava. Inicialmente ela cria uma relação íntima com as medicações; num primeiro momento, com a indicada pela médica psiquiatra, e depois com a medicação usada por seu pai.

Se retomarmos *Luto e melancolia*, com a morte do pai, Rue perde um lugar no mundo, o lugar de filha do seu pai. Freud (1915/1989g) fala sobre a perda do objeto e a impossibilidade de referenciamento no Eu quando o sujeito passa pelo luto. É através do uso de substância que Rue consegue dar forma a um corpo para estar no mundo e se levantar daquela cama onde presenciou o falecimento de seu pai.

A personagem busca *ser alguém* pelo uso de substância, construindo um modo para lidar com o imaginário sociocultural, tanto no que concerne ao que os pais esperavam dela, ao compará-la com outras crianças, quanto ao fato de precisar lidar com a doença do pai e, conseqüentemente, com sua morte. No entanto, como vimos em Lacan (1958/1998b), ao mesmo tempo que o falo nomeia o sujeito, isso só é possível através de seu velamento, indicando um recalque do desejo. Isso quer dizer que, à medida que o falo designa o sujeito para o Outro, ele vela algo do seu gozo.

---

<sup>7</sup> Entendemos que essa é uma interpretação possível para o caso que fizemos nesse momento, entretanto não temos a intensão de ter um olhar rígido ao uso de substância de Rue.

Ainda em 1915, Freud postula que o uso de substância suspende o recalque. Nesse sentido, é por meio das drogas que Rue consegue colocar novamente seu corpo no mundo. No entanto, essa é uma solução pontual, e por esse motivo ocorre a repetição do movimento de drogar-se, sendo este um movimento mortífero que causa um nonsense no sujeito. Alberti (1998) afirma que o adolescente pode se encontrar na vertente imperativa do supereu, dada por Lacan no *Seminário 20*, que diz “Goza!”, sendo o supereu a instância que impele o sujeito a gozar a qualquer custo. De acordo com a autora, o uso de substância na adolescência é compreensível no laço social de nossa civilização, sendo que se não for a droga será algum outro gadget.

Percebe-se que, embora Rue escolha a via da droga, ela não busca a morte. Isso é ilustrado na cena em que sua professora pede para que os alunos compartilhem algo sobre as férias de verão, período este em que Rue esteve na clínica de reabilitação após a overdose. A jovem é tomada por uma imensa sensação de angústia ao se lembrar das cenas desse momento de sua vida, chora copiosamente e sai correndo em busca de drogar-se novamente.

Em suma, Rue parece buscar o uso de substância sempre que se sente angustiada e precisa tentar amenizar seu sofrimento. Como vimos, Rassial, Gurfinkel, Alberti, entre outros, advertem que na adolescência o sujeito percebe seu corpo como fragmentado e procura experimentar diversos mecanismos que tragam uma percepção momentânea de pertencimento ao mundo e a ele mesmo. Concluímos, nesse momento, que Rue se droga com o objetivo de ser alguém no mundo, e, por se tratar de uma sensação efêmera, ela repete esse movimento incansavelmente.

## Conclusão

Em psicanálise trabalhamos com o sujeito do inconsciente, sem adjetivações ou qualificações, como, por exemplo, sujeito do inconsciente *de adolescente* ou *de alguém que usa substância*. Lacan (1966/1998d) aborda uma questão fundamental: “o sujeito com que operamos em psicanálise não pode ser senão o sujeito da ciência” (p. 858). Trata-se, portanto, de um sujeito sem qualidades, que não se adjetiva, exatamente por ser o sujeito do inconsciente.

Nesse sentido, o sujeito adolescente, o sujeito que usa substância ou o sujeito adolescente usuário de substância, não existe. Ocupamo-nos do sujeito do inconsciente e isso não coincide com patologias e sintomatologias supostas. Ao trabalharmos com o sujeito do inconsciente, a indagação que se impõe é: o que estamos escutando daquele que nos dirige a palavra?

O trabalho de uma análise exige que o analista coloque seu conhecimento prévio em suspensão, pois, como Lacan (1969-70) postulou, são os significantes que representarão o sujeito para outro significante. De acordo com o autor, cabe ao analista operar pelo Discurso do Analista, dado por:  $\frac{a}{S2} \rightarrow \frac{\$}{S1}$ . Com esse matema, Lacan mostra que o analista trabalha ativamente com o real (a). O sujeito (\$) se encontra no lugar do trabalho, com o intuito de produzir novos significantes (S1), e o saber prévio (S2) não serve ao ato analítico, por isso está abaixo da barra.

Posto isto, Rassial (1999) afirma que, num trabalho de análise com o sujeito no tempo da adolescência, o adolescente busca supor quem e o que o psicanalista representa, não, necessariamente, supõe sobre seu trabalho e seu saber. É sabido que, nessa temporalidade, o sujeito passa por um segundo momento de identificação das três dimensões: real, simbólico e imaginário. Há um trabalho para amarrar novamente os três registros, portanto o sujeito precisa, a partir de uma invenção, produzir algo para se nomear.

Na adolescência o sujeito se depara com o fato de que o outro é seu semelhante, também regido pela falta, constata seu corpo fragmentado e está diante da emergência do real. É um trabalho de luto, não só por uma infância perdida, como também pela perda da eficácia simbólica que até então contornava sua vida. Nesse sentido, o sujeito precisará encontrar recursos para dar um contorno ao que está confuso e problemático.

Concluimos, nesta dissertação, sem a pretensão de esgotar o assunto, que o uso de substância se coloca como uma tentativa do sujeito para barrar a angústia vivida. No entanto, apesar de apresentar uma saída imaginária, cumprindo o papel de tamponar a falta, e/ou uma saída simbólica, nomeando o sujeito, a solução pela droga se mostra ineficaz a longo prazo. Por isso, a repetição, o reuso de substância. Alberti (1998) menciona que o uso de substância na adolescência pode consistir em uma maneira encontrada pelo sujeito para não se deparar com a castração, ou mesmo um apelo à função paterna claudicante como forma de fazer existir a Lei.

A escolha pelo uso de substância é um mecanismo que o sujeito encontra para, supostamente, trazer uma integração momentânea, que pode operar tanto imaginariamente, reconstruindo a imagem de um corpo sexuado, quanto no que se refere ao registro simbólico, ao refundar o nome-do-pai. O ser falante se sente pertencente ao mundo, ainda que com a sensação de anestesia, visto ter encontrado uma solução ao mal-estar.

Rassial (1999) afirma que os recursos encontrados na adolescência para lidar com o real são transitórios. Por conseguinte, podemos entender que a solução encontrada pela via do uso de substância, muitas vezes, é transitória, entretanto, marca uma importante função para o sujeito, a saber, a de amenizar a angústia na qual ele vive.

Sendo o período adolescente repleto de angústia, cabe ao analista atribuir uma significação a essa angústia do que não foi dito, de modo a permitir ao “sujeito velar de alguma forma o horror do encontro com o real que o reduziria a mero objeto da impossibilidade” (Bezerra, 2022, p. 130). O trabalho do analista é possibilitar que o analisante se depare com

esse horror sem tamponá-lo. O analista oferece escuta para que o sujeito possa suportar a função fálica e pagar o preço da diferença sexual, para então aceitar a condição da castração.

Nessa perspectiva, o uso de substância deve ser tomado pela primazia do significante na clínica, uma vez que qualquer ser falante está sujeito a repetição de um ato em busca de saídas à angústia vivida na lógica fálica.

## Referências

- Alberti, S. (1998). Adolescência e droga: um caso. In L. Bentes & R. F. Gomes (Org.), *Kalimeros: O brilho da infelicidade*. Contra Capa.
- Alberti, S. (2004). *O adolescente e o Outro*. Zahar.
- Alberti, S. (2009). *Esse sujeito adolescente*. Rios Ambiciosos/Contra Capa.
- Ariès, P. (2022). *História Social da Criança e da Família*. (3ª ed.) LTC. (Originalmente publicado em 1981)
- Bezerra, D. S. (2021). *Sem a droga, a compulsão: a clínica psicanalítica no contexto de guerra às drogas*. Benjamim Editorial.
- Bezerra, D. S. & Darriba, V. A. (2020). Do supereu antitético ao falo: o lugar da droga em sujeitos neuróticos. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, 23 (2), 198-200. <https://doi.org/10.1590/1415-4714.2020v23n2p198.4>
- Castilhos, G. & Bastos, A. (2013). A função constitutiva do luto na estruturação do desejo. *Estilos da Clínica*, 18 (1), 89-106. <https://doi.org/10.11606/issn.1981-1624.v18i1p89-106>
- Capanema, C. A. (2009). *As modalidades do ato e sua singularidade na adolescência*. [Dissertação de mestrado, Universidade Federal de Minas Gerais]. [https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/BUOS-8MHFDX/1/disserta\\_o\\_carla.pdf.pdf](https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/BUOS-8MHFDX/1/disserta_o_carla.pdf.pdf)
- Capanema, C. A. (2018). *Enlaces e desenlaces na adolescência*. Scriptum.
- Capanema, C. A. & Vorcaro, A. M. R. (2017). A condição do ser falante no nó borromeano. *Estilos da clínica*, 22 (2), 388-405. <https://dx.doi.org/10.11606/issn.1981-1624.v22i2p388-405>
- Calligaris, C. (2000). *A adolescência*. Publifolha.

- Fundação Oswaldo Cruz (2017). *III Levantamento Nacional sobre o Uso de Drogas pela População Brasileira*. Fiocruz.
- César, A. C. (2013). Recuperação da adolescência. In *Cenas de abril*. Cia das Letras.
- Dunker, C. I. L. & Zanetti, C. E. (2017). Construção e formalização de casos clínicos. In C. I. L. Dunker, H. Ramirez & T. Assadi (Org.), *A Construção de Casos Clínicos em Psicanálise. Método Clínico e Formalização Discursiva*. Annablume.
- Dunker, Paulon & Milán-Ramos (2016). *Análise psicanalítica de discursos: perspectivas lacanianas*. Estação das Letras e Cores.
- Ferrante, E. (2020). *A vida mentirosa dos adultos*. Intrínseca.
- Freud, S. (1989a). Caso Katharina. *Edição Standard Brasileira das obras psicológicas de Sigmund Freud*. Imago. (Originalmente publicado em 1895)
- Freud, S. (1989b). Caso Dora. *Edição Standard Brasileira das obras psicológicas de Sigmund Freud*. Imago. (Originalmente publicado em 1905)
- Freud, S. (1989c). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. *Edição Standard Brasileira das obras psicológicas de Sigmund Freud*, Vol. 7, pp. 118-238. Imago. (Originalmente publicado em 1905)
- Freud, S. (1989d). Contribuições para uma discussão acerca do suicídio. In *Edição Standard Brasileira das obras psicológicas de Sigmund Freud*, Vol. 11, pp. 243-244. Imago. (Originalmente publicado em 1910)
- Freud, S. (1989e). Recomendações aos médicos que exercem a psicanálise. In *Edição Standard Brasileira das obras psicológicas de Sigmund Freud*, Vol. 12, pp. 122-135. Imago. (Originalmente publicado em 1912)
- Freud, S. (1989f). Algumas reflexões sobre a psicologia do escolar. In *Edição Standard Brasileira das obras psicológicas de Sigmund Freud*, vol. 13, pp. 281-288. Imago. (Originalmente publicado em 1914)



- Freud, S. (1989g). Luto e melancolia. In *Edição Standard Brasileira das obras psicológicas de Sigmund Freud*, Vol. 14, pp. 245-270. Imago. (Originalmente publicado em 1915)
- Freud, S. (1989h). Os instintos e suas vicissitudes. In *Edição Standard Brasileira das obras psicológicas de Sigmund Freud*, Vol. 14, pp. 117-146. Imago. (Originalmente publicado em 1915)
- Freud, S. (1989i). Além do princípio de prazer. In *Edição Standard Brasileira das obras psicológicas de Sigmund Freud*, Vol. 18, pp. 13-78. Imago. (Originalmente publicado em 1920)
- Freud, S. (1989j). Caso Uma jovem Homossexual. *Edição Standard Brasileira das obras psicológicas de Sigmund Freud*. Imago. (Originalmente publicado em 1920)
- Freud, S. (1989k). O mal-estar na civilização. *Edição Standard Brasileira das obras psicológicas de Sigmund Freud*, vol. 21, pp. 75-171. Imago. (Originalmente publicado em 1930)
- Gurfinkel, D. (1993). Introdução a uma abordagem psicanalítica da questão das drogas na adolescência. In C. R. Rappaport, *Adolescência: uma abordagem psicanalítica*. EPU.
- Gutierra, B. (2014). *Inícios da psicanálise com adolescentes: clínica e supervisão*. Editora CRV.
- Gutierra, B. (2003). *Adolescência, Psicanálise e Educação: o mestre “possível” de adolescentes*. Avercamp.
- Jesus, S. (2017). *A droga do toxicômano: uma paRceria cínica na era da ciência*. (2ª ed.) Relicário Edições.
- Lacan, J. (1969-70). *O Seminário livro 17: O avesso da psicanálise*. Jorge Zahar.
- Lacan, J. (1974-75). *O Seminário, livro 24: R.S.I.* [Não publicado]
- Lacan, J. (1976). *Clotûre aux Journées d’Études des Cartels*. Lettres de l’École Freudienne de Paris, n. 18. (Originalmente publicado em 1975)

- Lacan, J. (1988). *O Seminário, livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Jorge Zahar. (Originalmente publicado em 1964)
- Lacan, J. (1998a). Para-além do “princípio de realidade”. In *Escritos*. Jorge Zahar. (Originalmente publicado em 1936)
- Lacan, J. (1998b). A significação do falo. In *Escritos*. Jorge Zahar. (Originalmente publicado em 1958)
- Lacan, J. (1998c). A subversão do sujeito e a dialética do desejo no inconsciente freudiano. In *Escritos*. Jorge Zahar. (Originalmente publicado em 1960)
- Lacan, J. (1998d). A ciência e a verdade. In *Escritos*. Jorge Zahar. (Originalmente publicado em 1966)
- Lacan, J. (1998e). O Aturdido. In *Escritos*. Jorge Zahar. (Originalmente publicado em 1972)
- Lacan, J. (2003). Prefácio a O despertar da primavera. In *Outros escritos*. Jorge Zahar. (Originalmente publicado em 1974)
- Lacan, J. (2008). *O Seminário livro 20: Mais ainda*. Jorge Zahar. (Originalmente publicado em 1972-73)
- Le Breton, D. (2017). *Uma breve história da adolescência*. PUC-Minas.
- Levinson, S. (2019). *Euphoria* [série de TV]. A24 Television.
- Lima, E. H. (2013). *Educação em Saúde e uso de drogas: um estudo acerca da representação da droga para jovens em cumprimento de medidas educativas*. [Tese de Doutorado, Fundação Oswaldo Cruz].  
<https://www.arca.fiocruz.br/bitstream/handle/icict/7244/Tese%20completa%20revisada%2024%20out%202013%20-%20Eloisa%20Lima.pdf?sequence=1&isAllowed=y>
- Melman, C. (1992). *Alcoolismo, Delinquência, Toxicomania: uma outra forma de gozar*. Escuta.

Ministério da Justiça e Segurança Pública, Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas

(2021). II Relatório brasileiro sobre drogas: sumário executivo.

<https://repositorio.unifesp.br/bitstream/handle/11600/63030/SumarioExecutivo%20%282021%29.pdf?sequence=1&isAllowed=y>

Nogueira Filho, D. M. (1999). *Toxicomania*. Escuta.

Quinet, A. (2012). *Os outros em Lacan*. Jorge Zahar.

Rabinovich, D. (2005). *A significação do falo: uma leitura*. Cia de Freud.

Rassial, J. (1999). *O adolescente e o psicanalista*. Cia. de Freud.

Rosa, M. (2019). *Por onde andarão as histéricas de outrora? Um estudo lacaniano sobre as histerias*.

Rosa, M. D. (2015). *Psicanálise, política e cultura: A clínica em face da dimensão sócio-política do sofrimento*. [Tese de Livre Docência, Universidade de São Paulo].

<https://psicanalisepolitica.files.wordpress.com/2014/06/psicanc3a1lise-cultura-e-polc3adtica-livre-docencia-maio-2015impresso.pdf>

Schejtman, F. (2013). *Sinthome: Ensayos de clínica psicoanalítica nodal*. Grama Ediciones.

Soler, C. (2020). *Homens, Mulheres*. Aller.

Suy, A. (2022). *A gente mira no amor e acerta na solidão*. Editora Planeta do Brasil Ltda.

Vorcaro, A. (1999). *Crianças na psicanálise: clínica, instituição, laço social*. Cia. de Freud.

Vorcaro, A. (2009). Topologia da formação do inconsciente: O efeito sujeito. *Revista Estudos Lacanianos* [FAFICH-UFMG] n.3, pp. 45-62.

Vorcaro, A. (2016). Paradoxos do diagnóstico psicanalítico nos autismos. *Estilos da clínica*.

21(3), 736-755. <http://dx.doi.org/10.11606/issn.1981-1642.v21i3p736-755>

Zafiropoulos, M. (1994). O toxicômano não existe. Fenomenologia da Experiência

Toxicomaníaca e Referências Psicanalíticas. In L. Bittencourt (Org.), *A vocação do êxtase: uma antologia sobre o homem e suas drogas* (pp. 17-32). Imago.